

CADERNO DE RESUMOS

XII SEMANA DE LETRAS



Universidade do Estado do Amazonas
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Colegiado de Letras
Parintins – AM
2019

**Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)**

Caderno de Resumos XII Semana de Letras

<https://letrascsp.weebly.com/>
<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
<https://www.facebook.com/latinitates/>
<https://latinitates.weebly.com/>
<https://latinitates.com>

Arte da capa: Personalize Soluções Gráficas

ISBN: 978-85-7883-507-1

Universidade do Estado do Amazonas
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Colegiado de Letras
Parintins – AM
2019

APRESENTAÇÃO

A XII Semana de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins/UEA traz como tema “As dimensões crítica e reflexiva da linguagem”. Em um momento em que o Brasil passa por uma profunda crise de valores políticos e sociais, a temática sobre a linguagem e seus usos é urgente. O Curso de Letras constituído pelos professores, acadêmicos e técnico convidam toda a comunidade a pensar sobre o que estamos fazendo para transformar nossa realidade por meio de nossas práticas de linguagem. Assim, o ensino de Língua Portuguesa e o ensino de Literatura não é uma mera transmissão de conhecimentos, mas uma atitude consciente do nosso papel e lugar no mundo.

A língua antes de ser um código ou uma gramática, é uma interação social, como já nos dizia Bakhtin/Voloshinov, e nos exige um posicionamento diante dos fatos. Por isto a XII Semana de Letras é um marco político intelectual, e traz por meio de suas conferências, oficinas, minicursos, palestras e apresentações artísticas a resistência diante das injustiças, o conhecimento crítico diante dos discursos vazios fascistas, e sobretudo uma centelha de esperança diante das desigualdades.

O profissional de Letras e toda a comunidade são provocados a dizer com suas palavras e seu corpo, qual é a sua atitude em nosso momento atual em 2019.

Este Caderno de Resumos ultrapassa a suposta neutralidade científica, e coloca-se de forma crítica e reflexiva sobre os diversos assuntos atravessados pela linguagem. Aborda questões linguísticas, literárias, indigenistas, além dos estudos clássicos e considerações sobre o contexto da cidade de Parintins. Não faltará quem aponte fragilidade nos resumos: a maior parte são produções de nossos acadêmicos da graduação, a exceção de alguns de mestrandos em Linguística e Literatura, e duas contribuições de nossos professores do Colegiado de Letras.

Coordenador de Letras

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

Wilson Miranda Lima | Governador

Carlos Alberto Almeida Filho | Vice-governador

Marcos Apolo Muniz | Secretário de Cultura

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Cleinaldo de Almeida Costa | Reitor

Cleto Cavalcante de Souza Leal | Vice-Reitor

Orlem Pinheiro de Lima | Pró-reitor de Admin.

Maria Paula Mourão | Pró-reitor de pós-graduação e pesquisa

Kelly Christiane Souza | Pró-reitor de graduação

André Luiz Tannus Dutra | Pró-reitor de Ext. e As. Comunitários

Maria Olivia Ribeiro Simão | Pró-reitora de planejamento

Samara Barbosa de Menezes | Pró-reitora de interiorização

CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS

Marceliano Eduardo de Oliveira | Diretor

Francisca Keila de Freitas Amoedo | Coord. Qualidade de Ens.

COLEGIADO DE LETRAS

Franklin Roosevelt Martins Castro | Coordenador

Delma Pacheco Sicsu

Dilce Pio do Nascimento

Edinelza Macedo Ribeiro

Gleidys Meyre da Silva Maia

Luís Alberto Mendes de Carvalho

Maria Celeste Cardoso

Patrícia Christina dos Reis

Weberson Fernandes Grizoste

ORGANIZADORES

Dilce Pio do Nascimento

Franklin Roosevelt Martins Castro

EVENTOS E ORGANIZADORES*VI Simpósio de Literatura Infanto-juvenil* | Delma Pacheco Sicsu*VI Simpósio de Linguística e Ensino* | Franklin Roosevelt Martins de Castro*IV Feira do Livro Comunitária* | Gleidys Meyre da Silva Maia*I Ciclo de Leitura Clássica: tragédias gregas* | Weberson Fernandes Grizoste**COMITÊ CIENTÍFICO**

Weberson Fernandes Grizoste | Presidente

Delma Pacheco Sicsu

Edinelza Macedo Ribeiro

Franklin Roosevelt Martins de Castro

Gleidys Meyre da Silva Maia

Luís Alberto Mendes de Carvalho

Maria Celeste Cardoso

SUMÁRIO

O vocabulário homossexual em Catulo	5
As contradições de Catulo.....	8
Ecos do epicurismo em Horácio.....	10
Horácio e o direito de morrer: eutanásia na antiguidade?	13
<i>Vitioque potens regnat adulter</i> : Lucrecia e Teseu, cônjuges de consortes incestuosos	16
Os mitos gregos como influência para o <i>heavy metal</i>	19
Muhuraída: poesia épica no contexto amazônico	22
Literatura indígena no Amazonas: cultura e ancestralidade em narrativas plurais	26
Simulacro: do real ao fictício em <i>Sangue de coca-cola</i>	29
O imaginário fantástico na representação mitológica do minotauro na obra “Os Reis” de Julio Cortázar.....	32
Metátese: do latim ao português brasileiro	35
Linguística aplicada e pragmática: fonte inesgotável de possibilidades interacionistas	38
As dicotomias de Saussure e suas contribuições para os estudos linguísticos	41
As variáveis linguísticas e as variáveis sociais sob a ótica da sociolinguística.....	44
Peculiaridades da sintaxe em LIBRAS	47
Língua Sateré-Mawé em ação: fortalecimento de língua autóctone em Parintins/AM.....	48
Aitó – educação bilíngue Sateré-Mawé/Português.....	51
Bilinguismo: estudo de caso de um aluno indígena na Universidade do Estado do Amazonas-CESP.....	55
A leitura para a formação de uma sociedade consciente, numa turma de 9º ano, em uma escola no bairro do Itaúna 2, na cidade de Parintins/AM.....	58
atividades práticas de leitura e produção de textos para alunos do ensino fundamental	62
O uso dos “memes” nas mídias digitais como protótipo didático de multiletramento do ensino da língua portuguesa no ensino fundamental em Parintins/AM.....	65
Glossário de palavras e expressões parintinenses	68
A indústria cultural e o Festival Folclórico de Parintins	70
Desafios do ensino da língua portuguesa, na modalidade escrita formal, de estudante surdo, no curso de letras, do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP, turma de 2018-2022	73
Comportamentos linguísticos	76
A língua como um fato social	78

RESUMOS DE COMUNICAÇÕES

ESTUDOS CLÁSSICOS**O VOCABULÁRIO HOMOSSEXUAL EM CATULO**

BARBOSA, Ediane Glória¹
GRIZOSTE, Weberson Fernandes²

RESUMO: *Esta comunicação propõe fazer uma análise sobre o uso do vocabulário homossexual latino com palavras usadas nos poemas de Catulo. O vocabulário homossexual tem um leque semântico muito amplo: pode designar atos sexuais como *pedicare* e *irrumare*; pode ser formado a partir de metáforas como ocorre com *mentula*, *pathicus* e *cinaedís*. Usaremos como base bibliográfica principal a obra *The Latin Sexual Vocabulary* de J. N. Adams e *Caminhos do Amor em Roma* de Carlos André.*

Palavras-chave: *Homossexualidade. Vocabulário. Literatura. Tibulo. Catulo.*

INTRODUÇÃO

Nas elegias de renomados poetas clássicos o uso de palavras voltadas para o tema da sexualidade tem notável espaço. O vocabulário utilizado pelo poeta ao se dirigir ao amante deixa explícito um tipo de linguagem particular voltada para a homoafetividade.

Para respondermos a questão do vocabulário homossexual latino nesta comunicação, utilizamos alguns poemas de Catulo. Em Catulo, no *Carmen* 16, por exemplo, o vocabulário do poeta apresenta uma singularidade linguística relativa ao erotismo homossexual, assim: *Pedicabo ego uos et irrumabo/Aureli pathice et cinaede Furi,/qui me ex uersiculis meis putastis,/quod sunt molliculi, parum pudicum./Num castum esse decet pium poetam.* Os termos presentes aí são considerados por alguns estudiosos como versos obscenos, e salientam expressões linguísticas da poesia inventiva sem nenhum pudor para falar relações, nesse caso, homossexuais.

METODOLOGIA

As técnicas de pesquisa são a bibliográfica e documental, porque nos propomos a elaborar estudos sobre a questão da homossexualidade na Literatura Greco-latina. O trabalho foi fundamentado a partir dos conteúdos teóricos relativos à temática em questão para reflexão do conteúdo, nomeadamente Adams (1982) e André (2005). Daí, partimos para análise e discussão bibliográfica com base nos poemas de Catulo.

¹ 3º ano de licenciatura em Letras (CESP-UEA), pesquisadora do PIBIC/CNPq: edianebarbosa65@gmail.com

² Professor adjunto de latim e estudos clássicos: wgrizoste@uea.edu.br.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A literatura latina contribui significativamente com reflexões acerca de temas na modernidade a partir de estudos poéticos de poetas clássicos como Catulo, Tibulo, Marcial, entre outros. Os conceitos que definem a homoafetividade, a questão principal deste trabalho, eram retratados em discussões literárias, como se pode identificar nas elegias desses poetas. A relação homossexual era escrita e cantada nos versos dos renomados poetas clássicos como uma prática corriqueira na antiguidade. Assim ressalta Carlos Ascenso André (2006, p. 175) “Na Antiguidade Clássica, a relação homossexual era uma prática corrente, fazia parte do cotidiano e era encarada naturalmente pela sociedade”.

Nos versos 18 e 19 do Carmen XV, Catulo faz uma alusão a um castigo que era imposto aos adúlteros, a *raphanidosis*, ou seja, a introdução de rabanetes no ânus do adúltero. Conforme Adams (1983) o emprego da palavra “porta” como metáfora para “anus” merece destaque: “Most examples of the metaphor in Latin ferer to the anus...”.

As relações amorosas homossexuais no Mundo Antigo, sobretudo na Grécia, não eram uma questão polêmica, algo que desestabilizasse os valores morais da época. Como já ressaltamos, era normal a relação entre pessoas do mesmo sexo, relação homoafetiva, pois representava uma evolução da sexualidade, visto que essa relação era entre um homem mais velho e um jovem rapaz. Esse era um tipo de relação que denominava-se pederastia.

Escrever sobre o vocábulo existente nas relações homossexuais daquela época é importante para descobrir a evolução das palavras de cunho sexual nas quais eram usadas entre o poeta e seus amados, e mesmo para percebermos quais palavras se chegaram e que semelhança carga semântica têm. O vocabulário sexual, nomeadamente na sua forma passiva, carrega em si um caráter satírico e, em razão disso, não é apenas uma mera expressão que tem por objetivo chocar os leitores, mas sim, recurso de ênfase para os leitores entenderem o real significado das palavras nos poemas clássicos. Abaixo fizemos uma transcrição de tradução do verso catuliano na versão poética de Carlos André.

Hei-de enrabar-vos e obrigar-vos a chupar-me,
 ó Aurélio, maricas, ó invertido Fúrio,
 que, por causa de meus versos, por serem brejeiros, me
 acusastes de falta de pudor.
 Convém, por certo, que o poeta piedoso seja casto
 ele próprio, mas não é necessário que o sejam os meus versos,
 pois só têm sal e encanto
 se forem brejeiros e pouco recatados

e forem capazes de fazer comichão,
 não digo a rapazinhos, mas a alguns barbudos
 que já não conseguem pôr em acção os rins enrijecidos.

Vocês, por muitos mil beijos
 terem lido, acusam-me de ser fraco macho?

Hei-de enrabar-vos e obrigar-vos a chupar-me. (Catulo 16).

Com o uso de um vocábulo mais erótico, Catulo retratou em seus poemas o sexo mais violento. No Carmen 16, um de seus poemas mais significativos, o poeta dirige seu discurso diretamente a Aurélio e Fúrio, pelo fato destes criticarem os versos eróticos compostos pelo poeta. Em resposta a isto Catulo rebate as críticas feitas por seus adversários.

O poeta profere as suas indignações por meio de palavras que remetem a ironia e ao sarcasmo e, como forma de punição pelos atos de Aurélio e Fúrio, no primeiro e no último verso ele assim diz: “Hei-de enrabar-vos e obrigar-vos a chupar-me”. Catulo, toma essa posição para mostrar a superioridade que exercia sobre os outros dois, apelidando-os de *Pathicus* “maricas” (Aurélio) e *cinaedis* “invertido” (Fúrio) e os castigando com o ato descrito acima. *Pathicus* e *Cinaedis* são expressões que vão significar a mesma coisa, com diferentes cargas semânticas: um *pathicus* é submetido em uma relação sexual e um *cinaedus* é um *puer* criado e mantido para sexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer o estudo do uso do vocabulário homossexual na sociedade latina partindo de um viés literário mostra a atualidade do conteúdo, o tipo de linguagem utilizada pelos poetas que faz refletir as expressões linguísticas ainda presentes na modernidade.

Com a escritura deste resumo espero contribuir com a compreensão da homossexualidade na literatura clássica e as raízes presentes no pensamento ocidental. Os autores clássicos com seus poemas serão sempre uma fonte bastante fértil para esse tipo de estudo. Os poemas selecionados são só uma demonstração de um terreno fértil e há muito por explorar na literatura latina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, J. N. *The latin sexual dictionary*. Londres: Duckworth, 1982.
 ANDRÉ, Carlos Ascenso. *Caminhos do amor em Roma: sexo, amor e paixão na poesia latina do século Ia.C*. Lisboa: Cotovia, 2006.
 SANTOS, Clemilton P.; MAIA, Leticia de Andrade. *Do latim ao português: Identidade, linguagem e ensino*. Curitiba: Appris Editora, Livraria Eireli, 2016.
-

AS CONTRADIÇÕES DE CATULO

Ely Raimunda Barros Evangelista³

Weberson Fernandes Grizoste²

RESUMO: Os *Carmen catulianos* trazem uma carga de sentimentos, por muitas vezes eloquentes e perpassa por várias interpretações, incluindo as contradições existentes quando retrata através do eu poético a sua paixão por Lésbia, que é a causa de seus exageros e excessos, mas que traz uma nova forma na arte de fazer poesia em seu tempo. O objetivo deste artigo é buscar nas poesias de Catulo essas contradições.

Palavras-chave: Poesia, Contradições, Catulo, Lésbia, Sentimentalismo.

INTRODUÇÃO

Catulo trouxe para poesia latina uma forma própria de expressar seu pensamento de uma forma singular se comparada a linguagem utilizada pelos poetas de seu tempo, e mesmo se fizemos analogias com os dias atuais, nomeadamente sobre o erotismo e o amor. Dentre esses dois, o sentimento do poeta é a causa de maior parte de sua obra, uma vez que deixou-se ser levado por uma paixão avassaladora. Foi ele um dos poetas, dentre os antigos romanos, que associou o ato de estar apaixonado ao de ser, mesmo um, escravo, alienado. Sua escrita denotava para os principais críticos da época, como Cícero, como a de um homem que deixou-se ser levado pelo sentimentalismo “barato”. Diferentemente podemos citar Horácio, cuja característica principal é equilíbrio na vida diária. Catulo ao contrário é excesso em sua totalidade. Os poetas clássicos tinham como característica nunca revelar em suas poesias os nomes verdadeiros de suas amadas, expressavam e demonstravam suas paixões usando pseudônimos nas escritas poéticas, cujo sinal na maioria das vezes era para homenagear alguém importante e significativo. No caso de Catulo, Lésbia surge por que “sentia o amor com o mesmo abandono total de Safo, quis transformar o nome da sua amada numa forma que fizesse recordar a poetisa de Lesbos e, ao mesmo tempo, a proverbial beleza das mulheres lésbias” (PARATORE, 1983, p. 324).

METODOLOGIA

A pesquisa é essencialmente de cunho bibliográfico. Ressalta-se alguns *Carmina*, onde o poeta através da sua escrita denota suas contradições a partir do que ele considerava sentir por Lésbia, teorizando a cerca. Essa comunicação fundamenta-se, principalmente em Paratore (1983), Costa (1952, 1978) e Polastri (2008).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

³ 3º ano de licenciatura em Letras (UEA): elyevangelista@outlook.com

² Professor adjunto de latim e estudos clássicos: wgrizoste@uea.edu.br

De acordo com as leituras feitas dos Carmen catulianos não há uma sequência cronológica quando o poeta se refere à musa de sua poesia. Tanto é, que é possível observar em muitos poemas que o poeta demonstra a sua paixão com palavras doces. Entretanto veremos esse mesmo poeta em profunda melancolia, por não ter certeza da reciprocidade de seus sentimentos. A partir dessa frustração poética as contradições do sentimentalismo são visivelmente notadas. Catulo passa a não entender seus próprios sentimentos, e então a sua condição de ser humano apaixonado se afunda em contradições. O poeta perpassa “às explosões de ódio e de amor, que tanto o aproximam das almas simples e rudes, seguem-se nele manifestações de fino gosto literário” (COSTA, 1952, p. 71). No Carmen 82.5-8 percebe-se a contradição visto que a amante dissera palavras as quais fizeram no acreditar que jamais seria substituído, no entanto a partir do quinto verso saltam as suas perturbações por ter-se deparado com a verdadeira face da amante.

Logo entendemos que suas palavras e seus sentimentos eram feitos de momentos, de circunstâncias, pois ora o poeta profere belas coisas, ora conjectura de acordo com as atitudes voláteis de sua amada, tal como se observa no Carmen 92. A paixão que Catulo alimentava por Lésbia era, aparentemente, bastante turbulenta, e na visão de Conte (*apud* POLASTRI, 2008, pg 147) era estritamente carnal. Mas se torna um sentimento superior quando se torna um amor que almejava fidelidade. Contudo, ao ser traído pelas ações de sua amada, o poeta demonstra a mais raivosa indignação. Por outro lado, parece mergulhar num misto de agonia e felicidade, é assim que podemos observar suas contradições ao longo dos poemas selecionados na edição “*Odeio e Amo*” de tradução de Ribeiro (2005), aí, o Carmen 83 é intitulado pelo tradutor como “*Críticas a Lésbia*”, já o Carmen 92 de “*Contradições*”, esse é um tipo de contradição que se encontra, por exemplo, no Carmen 104.

A contradição mais arrepiante, e quiçá a mais famosa e mais inspiradora de todas, dos poemas catulianos encontra-se no Carme 85. Aqui há a colisão do paradoxo mais forte na espécie humana. Trata-se de sentimentos paradoxais de um poeta que ama e odeia e não sabe explicar as razões, nem como isso acontece. É um quê de indizível, que nem mesmo o poeta sabe dizer e resume tudo num dístico. Ele apenas sabe que isso acontece dentro de si, então a se tortura entre dois cálices opostos, o que levou Araújo (2011, p. 53) a afirmar que “A obra de Catulo é fortemente marcada pelo amor e pelo ódio e se constitui na única produção conservada de poesia néoterica”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as leituras feitas dos Carmen catulianos, não há uma sequência cronológica quando o poeta se refere à musa de sua poesia, tanto que é possível observar em muitos poemas, que o poeta demonstra a sua paixão com palavras doces. Veremos aí, muito, esse mesmo poeta em melancolia, por não ter certeza da reciprocidade dos sentimentos de tal mulher. Por fim Catulo ao expressar através da poesia seus mais eloquentes sentimentos, assim como também uma forma de criticar seus rivais e sua sociedade, provocando através da arte do fazer poético, escreve com perceptíveis exageros, suas loucuras, onde usa ao seu favor a criatividade e a retórica, onde constrói a sua verdade poética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Katia Teonia Costa de. *Coma Berenice: uma leitura do poema 66 de Catulo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- CATULO. *O Cancioneiro de Lésbia*. Trad. Paulo Sérgio Vasconcellos. São Paulo Editora Hucitec, 1991.
- ___ *Odeio e amo*. trad. José Ribeiro Ferreira, Coimbra, Minerva, 2005.
- COSTA, A. *Elementos populares em Catulo*. São Paulo, Cruzeiro, 1952.
- ___ *Temas clássicos*. São Paulo, Cultrix, 1978.
- PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- POLASTRI, Bárbara. MORAES, Cláudia P. Fidelix. ALVES, Diogo. FAUSTINO Raquel. “Catulo: uma nota introdutória”. *Ensino, Língua e Literatura* 3 (2008)
- SOUZA, Rômulo Augusto de. *Manual de história da literatura latina*. Belém: Serviço de Imprensa Universitária, [s. d.].
-

ECOS DO EPICURISMO EM HORÁCIO

RODRIGUES, André Luís Martins⁴

GRIZOSTE, Weberson Fernandes⁵

RESUMO: *A filosofia epicurista nasceu através de Epicuro em 306 a.C., na Grécia, e consistia-se na busca do prazer utilizado de forma equilibrada. Ecos desta doutrina podem ser encontrados na lírica de Quinto Horácio Flaco, poeta romano do século I a.C., e vamos analisa-lo especificamente em seus quatro livros das Odes, através dos conceitos sobre a brevidade da vida, a questão da morte, a escolha pela simplicidade e a vivência da justa medida.*

Palavras-chave: *epicurismo, Horácio, odes, justa medida, carpe diem.*

⁴ 3º ano de licenciatura em Letras (CESP-UEA); pesquisador do PIBIC/CNPq: randreluis500@gmail.com

⁵ Professor adjunto de latim e estudos clássicos: wgrizoste@uea.edu.br.

INTRODUÇÃO

A filosofia epicurista surgiu na Grécia em 306 a.C. Fundada por Epicuro de Samos (342/341 a 270 a.C.) em um período sócio-político conturbado da história grega, tem o objetivo de aperfeiçoar o conhecimento interior do homem e libertá-lo de suas preocupações externas, além de buscar libertar o homem de temores abstratos que o impediam de viver plenamente. Portanto, o objetivo primordial do epicurismo consistia no alcance do prazer, desde que este seja utilizado na medida certa, ponto que o difere da doutrina hedonista, que prega um prazer buscado a qualquer custo. Os ecos da filosofia de Epicuro podem ser encontrados séculos mais tarde na poesia latina. Um dos principais motivos para a difusão da filosofia epicurista dentro da cultura latina deve-se ao período conturbado pelo qual Roma passava, igualmente ao período ocorrido no surgimento na sociedade grega.

METODOLOGIA

As técnicas de pesquisa são: bibliográficas e documentais, com base em estudos elaborados sobre a poesia lírica de Horácio e as escrituras do filósofo Epicuro. Daí partimos para análise com base nos teóricos Oliveira (2009) e Moraes (2010) afim de discutir acerca dos ecos epicuristas ressonantes na lírica horaciana.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os ecos da filosofia epicurista podem ser observados na obra horaciana, em odes cujas temáticas correspondem à brevidade da vida, à morte inevitável, à escolha pela simplicidade da vida em oposição aos grandes luxos e à justa-medida. Para esta ocasião selecionamos algumas.

A ode 1.4 se caracteriza como um canto de celebração para a chegada da primavera. Passado o inverno, é tempo de se aproveitar o novo período que chega: “agora é tempo de cingir a luzidia testa com o verde mirto | ou com a flor que a terra livre trouxe” (Hor. *Od.* 1.4.9-10). O poeta aconselha a se viver o agora, pois breve é a duração da vida e isto impede que o homem possa criar esperanças duradouras ou eternas, pois ao chegar da morte tudo aquilo que foi conquistado durante a vida também chega a seu fim.

A pálida Morte com imparcial pé bate à porta das cabanas dos pobres e dos palácios dos reis. Ó Séstio feliz,
a breve duração da vida impede-nos de encetar duradouras esperanças, em breve te oprimirá a noite, e os Manes da lenda
(Hor. *Od.* 1.4.13-16).

Ao aproveitar o agora, o homem deixa de se preocupar com a longa ou curta duração de sua vida, e é assim que fora aconselhado Séstio, por Horácio, na ode 1.4, para que não se criem esperanças no futuro, em

decorrência da brevidade da vida. Exortação semelhante que se poderá observar na ode 4.7.

Ao cantar sobre a ciclo das estações, Horácio põe em oposição o ciclo renovável infinito da natureza à vida humana, que por sua vez é finita, e exorta: “nada esperes de imortal; é o conselho do ano e da hora | que o ameno dia rouba” (Hor. *Od.* 4.7).

A ode 1.11 contém a máxima mais recorrente de Horácio, o *carpe diem*. O poeta exorta para que seja aproveitado o momento presente, e que não sejam criadas preocupações acerca daquilo que o futuro reserva para cada um pois de além de ser algo proibido pelos deuses (Hor. *Od.* I.11.1-2), a preocupação com os dias futuros impede que o homem aproveite o presente. Para Tringali, “importa (apenas) gozar o dia de hoje, colher o dia que foge, como se fosse o último, *carpe diem* (*apud* OLIVEIRA, 2009, p. 40). Novamente, Horácio reafirma a brevidade da vida para justificar sua exortação: “enquanto falamos, já invejoso terá fugido o tempo | colhe cada dia, confiando o menos possível no amanhã” (Hor. *Od.* 1.11.7-8).

Para Epicuro, “nenhum prazer em si mesmo é um mal, mas aquilo que produz certos prazeres acarreta sofrimentos bem maiores do que os prazeres (*apud* MORAES, 2010, p. 25). O prazer acaba por se tornar um mal se este é utilizado de modo desenfreado. Há que encontrar um equilíbrio no ato das coisas, o limite do permissível que gera praze. Horácio exemplifica esta máxima em sua ode báquica 1.18, ao celebrar o uso do vinho, canta-nos as consequências, boas e más, acarretadas pelo bom e mau uso da bebida. Assim, ao mesmo tempo que o vinho pode gerar consequências positivas, como desvanecer do pensamento humano as preocupações externas (Hor. *Od.* I.18.4-5), pode também gerar consequências negativas. E não há nenhum exemplo melhor que buscar na mitologia latina, então Horácio relembra a violenta guerra travada entre Centauros e Lápitas, causada após um dos centauros embriagar-se no casamento do rei Píritoo e tentar violar sua noiva (1.18.8).

Na ode 2.16 pode se observar que mesmo a riqueza não é capaz de libertar o homem das inquietações da vida ou de comprar a sua tranquilidade. Pelo contrário, vive bem somente aquele que não possui a cobiça e que vive de modo humilde. Horácio reafirma, como em muitos outros passos, a brevidade da vida e retoma a exortação de que não se deve preocupar-se com o futuro: “que a alma, feliz com o presente, odeie preocupar-se | com o que é futuro (Hor. *Od.* II.16.25-26). De fato, é bastante evidente, na ode 3.1 a recusa do poeta pelo luxo e riquezas. Aí o poeta cita diversas perturbações das quais os que vivem de modo simples estão livres, afim de demonstrar as desvantagens daqueles que cobiçam mais do que o necessário. Compactua, desse modo,

com os ideais de Epicuro, quando este afirma que “o justo desfruta plena serenidade; o injusto, porém, está cheio da maior preocupação” (*apud* MORAES, 2010, p. 34). Enfim, para Horácio a verdadeira riqueza pode somente ser alcançada após o homem dominar sua própria ganância e utilizar seus bens de modo correto e moderado, a exemplo de Proculcio (Hor. *Od.* II.2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos princípios da doutrina epicurista discutidos anteriormente e de sua recepção na sociedade latina do século I d.C pode ser constatado, através das análises e discussões realizadas, que o pensamento de Epicuro é notável dentro da lírica horaciana, comprovado a partir das temáticas relacionadas à brevidade da vida, à imprevisibilidade da morte, a preferência pela simplicidade da vida e a *justa medida* no viver, presentes ao longo das *Odes* de Horácio. Com isso, pode-se afirmar que o poeta compactuava de modo significativo com os ideais pregados pelo filósofo, e os repassava à sociedade latina através de seus poemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA, Uipirangi F. “A porta e o jardim: uma introdução ao epicurismo e estoicismo da Grécia pós-socrática” *Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET*. 2014.
- EPICURO. *Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)*. Trad. Álvaro Lorencini e Enzo del Carratore. São Paulo: Unesp, 2002.
- EPICURO. *Máximas principais*. Trad. João Q. Moraes. São Paulo: Loyola, 2010.
- HORÁCIO. *Odes*. Trad. Pedro Braga Falcão. Lisboa: Cotovia, 2008.
- MORAES, João Q. *Epicuro: máximas principais*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- OLIVEIRA, Sandra Verônica Vasque Carvalho de. *Ressonâncias epicuristas na lírica horaciana*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

HORÁCIO E O DIREITO DE MORRER: EUTANÁSIA NA ANTIGUIDADE?

GRIZOSTE, Weberson Fernandes⁶

RESUMO: *Esta apresentação consiste-se numa introdução hermenêutica ao ius perire de Horácio. Faz-se abordagens acerca do suicídio, e/ou da morte assistida na literatura e filosofia greco-latina: Sófocles, Platão, Virgílio e ligeira comparação com Sêneca. Remata com uma apreciação do ius perire que paradoxalmente frente ao carpe diem horaciano coloca-nos no problema filosófico de Camus (2017), o suicídio.*

⁶ Doutorado em Poética e Hermenêutica (Universidade de Coimbra; professor adjunto de Latim e Estudos Clássicos (CESP-UEA): wgrizoste@uea.edu.br

Palavras-chave: Eutanásia. Suicídio. Horácio. Antiguidade. Morrer.

INTRODUÇÃO

No século I a.C., precisamente na *Ars Poetica*, Horácio afirmou: *Sic ius liceatque perire poetis; | inuitum qui seruat, idem facit occidenti.* (467-468), em cuja versão poética de Rosado Fernandes, “Pois que aos poetas se reconheça o direito de morrer: dar a vida a quem não quer viver, é fazer o mesmo que mata-lo”. No século XX, Camus (2017, 19) levantou que o suicídio é o único problema filosófico realmente sério, nomeadamente daqueles que consideram que a vida não vale a pena ser vivida. Pois bem, esta comunicação não busca estabelecer um elo filosófico e hermenêutico entre estas afirmações; nem mesmo avaliar questões da “morte assistida” – a eutanásia. A divagação por que faz pelos autores clássicos busca simplesmente compreender o sentido hermenêutico do *ius perire*, “direito de morrer”, horaciano.

METODOLOGIA

Essa pesquisa é essencialmente bibliográfica e obedeceu a proposta de (Gil, 2002, pg. 60-87): escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; busca das fontes e leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto; e redação dos textos. Escolheu-se para efeitos de comparação e compreensão visões do “direito de morrer” em Platão, Sófocles e Sêneca.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os autores na antiguidade falaram do “auto sacrifício voluntário” ou “morte intencional”, bem como a “morte provocada por uma ação própria” (PAPADIMITRIOU *et al.* 2007, 25). Contudo, devemos diferenciar o sacrifício voluntário de auto imolação⁷, e mesmo do conceito de “boa morte” nos campos de batalha, que Van Hooff (1982) define como “heroic resignation”. O próprio termo suicídio não é derivado do latim clássico e tinha causas ambivalentes na antiguidade (HOPE, 2007, 32).

Variados são os exemplos de defesa da morte como válvula de escape. Fato é que *n’As Traquínias* pode-se falar mesmo em morte assistida. Aqui, Hércules sofrendo de enfermidade insuportável, pede ao filho, Hilo, para ajudá-lo a acabar com sua vida. Hilo reclama se não estará assim a tornar-se um assassino, ao que Hércules responde: “não se trata de impiedade, uma vez que o farás para me agradar” (79). O pai, convencido do alívio na morte, pede que se apresse o passo antes que seja tomado por nova convulsão: “Será

⁷ Acerca do conceito de Sacrifício Voluntário escrevemos em KOIKE, K., GRIZOSTE, W. **Estudos de Hermenêutica e Antiguidade Clássica**. Coimbra: Ed. Autores, 2011, 71-96.

um repouso para os meus males, essa consumação final da minha vida” (80) (*obj. cit.* PAPANIMITRIU et al. (2007, 29)).

Nas *Leis VI* (993d *apud* PAPANIMITRIU et al. 2007, 29) Platão se mostrou inteiramente contra o direito de morrer. Ele até sugeriu a punição capital aos médicos que administrassem qualquer tipo de droga que contribuísse com o fim da vida. Em *Górgias* (512a) reconhece a ineficácia do tratamento de quem já não pode encontrar a cura. Reforça na *República* (406e-407e) afirmando que os pacientes incapazes de se curar não devem receber um tratamento para o prolongamento da vida, pois torna-a apenas mais longa e dolorosa. (*vide* MONTAGUTI et al. 2018, 105).

Em Roma havia pensamento variegado. Na *Eneida*, Dido é sem dúvida a personagem mais famosa a praticar suicídio. Mas Virgílio não é propriamente amistoso com o tema. Na ida ao reino dos Mortos (Aen. 6.434-440) Eneias encontrou-se com as pessoas infelizes que se mataram porque odiavam a vida. Estavam amarrados e entrelaçados em um pântano nas águas do rio Stix. Para compreender a afirmação de Horácio precisamos entender o pensamento da época. Para os membros da elite, em particular, especialmente durante o final da República e Início do Império, o suicídio não era algo negativo ou desesperado, mas uma escolha racional de auto destruição, a forma final de auto definição (HOPE 2007,32).

Sêneca aproximou-se do pensamento de Horácio. Nas *Epístolas*, nomeadamente a 70, escrevera que “morrer mais depressa ou mais devagar é irrelevante, já morrer bem ou mal é relevante; morrer bem é escapar do risco de viver mal”. O verso 14 adquire as nuances mais horacianas. Quem impede uma pessoa de morrer está bloqueando o caminho para a liberdade. Para Sêneca, ao contrário da entrada na vida – que é única – a saída são muitas e ele fornece inúmeros exemplos de pessoas que escolheram a própria forma de morrer. Horácio tinha ressaltado na Ode 1.37 os elementos exóticos do auto envenenamento, de Cleópatra, por mordida de serpente (Beltrão, 2017, 312). No verso 15 Sêneca questiona se “devo aguardar a crueldade de uma doença ou de um homem, quando posso sair da tormenta e deixar de lado meus problemas?” Mais adiante responde: só é infeliz quem quer, já que a vida não segura ninguém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao cabo, o problema filosófico de Camus permanece. O conceito de Sêneca aproxima-se da doença incurável, mas também a de um mal ou castigo maior iminente e inevitável. Já o conceito horaciano parece estar muito mais próximo das aflições íntimas que dos males de uma doença incurável ou do castigo de outro homem, exclui-se daqui a Ode 1.37. Certo é que, a Arte

Poética inicia-se com a defesa aos direitos dos poetas “de tudo ousar”, conclui com a defesa aos direitos dos poetas em escolher como se quer morrer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRÃO, Cláudia. “Imagens contrastantes da morte nos *Carmina* de Horácio” IN *Revista M 4* (2017), 305-318.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman, Paulina Watch. Rio de Janeiro: BestBolso: 2017.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- HOPE, Valerie M. *Death in Ancient Rome*. Londres/Nova York: Routledge, 2007.
- HORÁRIO. *Arte Poética*. Trad. R. Fernandes. Lisboa: Cal. Gulbenkian, 2012.
- *Carmina Expurgata*. Paris/Lisboa: Guillard, Aillaud & Cia, 1895.
- *Odes*. Trad. Pedro Braga Falcão. Lisboa: Cotovia, 2008.
- MONTAGUTI, Elena; JOX, Ralf; ZWICK, Elisabeth; PICOZZI, Mario. From the concept of “good death” in the ancient world to the modern concept of “euthanasia” IN *Medicina Historica 2* (2018), pg. 104-108.
- PAPADIMITRIOU, John; SKIADAS, P.; MAVRANTONIS, Constantinos; POLIMEROPOULOS, Vassilis; PAPADIMITRIOU, Dimitris; PAPACOSTAS, Kyriaki. “Euthanasia and suicide in antiquity: viewpoint of the dramatists and philosophers” IN *Journal of the Royal Society of Medicine 100* (2007), p. 25-28.
- PLATÃO. *Górgias*. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 2011.
- *A República*. Trad. M. H. da Rocha Pereira. Lisboa: Cal. Gulbenkian, 2014.
- SÊNECA. *Edificar-se para a morte: Das cartas morais a Lucílio*. Trad. Renata Cazarini de Freitas. Petrópolis: Vozes, 2016.
- SÓFOCLES. *As Traquínias*. Trad. Maria C. Fialho. Coimbra: FESTEIA, 2003.
- VAN HOOFF, Anton. “Ancient euthanasia: ‘good death’ and the doctor in the graeco-Roman world”. IN *Social science & medicine 58* (1982). pg 975-985.

VITIOQUE POTENS REGNAT ADULTER: LUCRÉCIA E TESEU, CÔNJUGES DE CONSORTES INCESTUOSOS

LIMA, Miriam Trindade⁸

GRIZOSTE, Weberson Fernandes⁹

RESUMO: Esta comunicação pretende fazer um estudo da representação trágica do incesto presente em Sêneca e Gonçalves Dias, nas respectivas obras; Fedra e Beatriz Cenci. Parte-se do ponto de vista que a família é um consorte afetivo, uma vez adentrando essa prática no âmbito familiar, desaparece a perspectiva de proteção e afetividade seguida da

⁸ 3º ano de licenciatura em Letras (CESP-UEA); pesquisadora do PIBIC/CNPq; trindade_lima97@hotmail.com

⁹ Professor adjunto de latim e estudos clássicos: wgrizoste@uea.edu.br.

falência conjunta familiar. Este estudo se pauta nas figuras de Lucrecia e Teseu pares de consortes incestuosos.

Palavras-chave: incesto, Teseu, Lucrecia, Beatriz Cenci, Hipólito.

INTRODUÇÃO

Constituindo-se em objeto de estudo ao longo da história nos estudos clássicos, nota-se que inúmeras tragédias se pautam na temática das relações incestuosas. *Édipo Rei* de Sófocles inspirou a psicanálise com o denominado “Complexo de Edipo”. A tragédia *Fedra*, se processa conflituosamente a partir do tema tratado por Sêneca, as sequelas de se deixar dominar pelas paixões absurdas, como uma paixão incestuosa. Muitos anos depois a mesma temática inspirou o poeta romântico Gonçalves Dias a escrever sua versão poética de *Beatriz Cenci*, e mostrou o fim igualmente trágico dos Cencis devido ao ato pecaminoso do patriarca. Almeja-se evidenciar nas relações trágicas dos referidos poetas o consorte incestuoso, na obra Senequiana, a figura de Teseu, e em *Beatriz Cenci*, a figura de Lucrecia.

METODOLOGIA

O procedimento metodológico utilizado no desenvolvimento da pesquisa é de caráter bibliográfico, segue a proposta de Gil (2002, pg. 60-86). A fundamentação teórica pauta-se em Pirateli (2010), Jacobbi (1958), Santos (2005) e Sousa (2005). Dentre os resultados que ainda temos em mente, elegemos para esta ocasião uma análise dos conjugues de consortes incestuosos – haja vista que quase nunca são objetos principais de observação analítica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sêneca, inspirado em *Hipólito* de Eurípides, escreveu *Fedra*, o mito da paixão incestuosa de uma madrasta por seu enteado. As obras do filósofo “tem como fio condutor a ética estoica, cuja finalidade suprema é a perfeição moral, identificada com a sabedoria, o bem supremo, a vida bem aventurada” (PIRATELI, 2010, p.72). Sendo patrono de sua filosofia, Sêneca, buscou mostrar para a sociedade de sua época os perigos do desejo desregrado. Todavia, essa temática não se limita a antiguidade clássica, no romantismo o poeta Gonçalves Dias representou o trágico do incesto no drama *Beatriz Cenci* “o anjo do parricídio.” (JACOBBI, 1958, p.68).

O delírio incestuoso que culminou para o fim trágico das famílias, tem personagens fundamentais que contribuem para o processo conflituoso das obras. Lucrecia e Teseu são os respectivos cônjuges de um matrimônio levado a ruína pelo sentimento proibido de seus companheiros.

Vejamos pontos de semelhanças e dessemelhanças:

Na obra de Gonçalves Dias, a madrasta se personifica na figura de mãe e busca proteger a filha quando se depara com os desejos de seu marido.

É a personagem que mais contribui ativamente para alertar não somente a moça, como também o público para o real desejo de Francisco Cenci (SANTOS, 2005, p. 15). Lucrécia representa a esposa que embora esteja elevada a um título nobre e ser respeitada pela camada da alta sociedade é subalterna a estrutura social, sendo subjugada a celebridade do marido. Por outro lado, em Sêneca, Teseu é um rei, um herói, um semideus, uma figura emblemática para Atenas. Detentor do poder hierárquico, mas está ausente, encontra-se distante do que se passava em sua casa, enquanto Lucrécia parece sabedora do caráter do seu marido e acompanha as artimanhas dele para tentar detê-lo.

Para Sousa “Teseu é sempre a personagem que sofre maior abalo psicológico” (2005, p.27). Porque ele retorna do submundo crente que sua esposa estaria saudosa o esperando, mas retornando ao palácio se depara com uma esposa que deseja a todo custo morrer, retirar-se do mundo e de perto dele. A Teseu é dito uma mentira grosseira e terrível: de que seu filho a qual ponderava eximia honra de uma vida casta e livre de nenhum vício, violentara sua esposa. Teseu angustia-se por ela, amaldiçoando seu filho inocente levando-o a morte.

Afirma ainda Sousa sobre Teseu: “Na tragédia é a única personagem a sofrer tão profundas mudanças de estado e alma e a experimentar uma extraordinária perplexidade” (2005, p.27). Lucrécia, pelo contrário, trama para evitar que Francisco Cenci obtenha êxito em seduzir a própria filha, uma vez que estava disposto a tudo em nome do sentimento imoral.

Atenta aos acontecimentos que a cercavam, conseguiu perceber quando a relação de seu marido para com sua enteada deixara de ser natural constituindo-se em uma doença a integridade familiar. Mas não conseguiu impedi-lo, restando apenas o desejo de vingança “Lucrécia aproveita-se da sede de vingança de Beatriz e Márcio para exteriorizar o ódio que sente por D. Francisco, e os três tramam o assassinato de Cenci” (SANTOS, 2005, p. 15). No entanto, os acontecimentos que se sucedem acarretam não apenas o fim de Francisco Cenci, mas de toda sua família.

Na obra de Sêneca, Teseu é vítima de sua própria perplexidade, precipitando-se em seu desejo, mas a ele a possibilidade de vingança é impossível, pois Hipólito seu filho jaz morto por um monstro que emergiu do mar, como também a insana Fedra que se matou “pela angustia insuportável de ter levado a morte o ser amado” (SOUSA, 2005, p.27). “o filósofo e dramaturgo latino usa o mito para evidenciar os nefastos efeitos dos *uítia* na conduta humana e nomeadamente na conduta do governante. Assim, no caso senequiano as perdas são absolutas e indissociáveis” (SOUSA, 2005, p.32).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que está por trás dos mitos de incesto na antiguidade e daí na tragédia, é o seu poder destruidor de todos os membros da família. Morre-se os filhos na condição espiritual de filhos, morre-se os pais: de um lado os cônjuges incestuosos – causadores ativos dessa destruição; e de outro os pais que deviam proteger seus filhos – e que no entanto não o fazem.

Os desejos nefastos que muitas vezes é considerado tabu pela sociedade contemporânea, inspirou desde a antiguidade produções como *Fedra* do poeta latino Sêneca e, mais recentemente, no século XIX, *Beatriz Cenci* do maranhense Gonçalves Dias. A representação do incesto não somente restrita ao ato isoladamente, mas em uma perspectiva de um consorte fadado ao fim pela violação do laço familiar, levando a falência conjunta familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Zélia de Almeida. *Estudos sobre as tragédias de Sêneca*. São Paulo: Alameda, 2005, pg. 185-196.
- DIAS, Antônio Gonçalves. *Gonçalves Dias: Poesia e prosa completas*. org. Alexei Bueno, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.
- JACOBBI, Ruggero. *Goethe, Schiller, Gonçalves Dias*. Porto Alegre, UFRS, 1958.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- PIRATELI, Marcelo Augusto. *O caráter educativo das tragédias de Sêneca*. Maringá: UEM, 2010. (Dissert. Policop.)
- PIZARRO, Maria Adelaide Cardona de Nóbrega. *Gonçalves Dias e o drama romântico*. Coimbra, FLUC 1970, (Monog. Policop.).
- SANTOS, Ana Claudia Rôla. “A obra dramática de Gonçalves Dias”. *Em Tese* 9 (2005) p.11-19.
- SÊNECA, *Tiestes*, trad. J. A. Segurado e Campos, Lisboa, Verbo, 2006.
- , «Fedra» in EURÍPEDES, SÊNECA, RACINE, *Hípólito e Fedra: três tragédias*, trad. Joaquim Brasil Fontes, São Paulo: Iluminuras, 2007.
- SOUSA, Ana Aleandra Alves. “Teseu: um homem prepotente e traído ou traído e desesperado?” *Ágora. Estudos Clássicos em Debates*, 7 (2005) p. 25-36.

OS MITOS GREGOS COMO INFLUÊNCIA PARA O HEAVY METAL

PEREIRA, Vitor Sousa¹⁰

GRIZOSTE, Weberson Fernandes¹¹

RESUMO: O trabalho proposto visa mostrar que os mitos gregos servem de inspiração para os gêneros musicais, mais precisamente o Heavy Metal, que possui um lirismo rico e carregado de referências à literatura clássica. O método usado neste trabalho consiste na

¹⁰ 3º ano de licenciatura em Letras (UEA). vitorsousap@gmail.com

¹¹ Professor adjunto de latim e estudos clássicos: wgrizoste@uea.edu.br.

pesquisa bibliográfica e documental, fez-se assim, então, um levantamento das músicas que possuem como temática os mitos gregos, evidenciando a letra e o mito ao qual se faz a referência.

Palavras-chave: *mitos gregos. heavy metal. influência. literatura clássica. música.*

INTRODUÇÃO

Em todos os gêneros musicais é possível ver que há alguma referência a personagens, histórias, livros, e a literatura de uma forma em geral. Com o *Heavy Metal* não é diferente. Obras clássicas são pilares para muitas bandas na hora de compor suas músicas, de construir seus trabalhos para o público. O *heavy metal* é um estilo que, na muitas vezes, é visto sob uma perspectiva preconceituosa, mas em verdade possui um lirismo rico, politizado e mesmo carregado de referências clássicas, sejam elas do período contemporâneo ou da antiguidade.

METODOLOGIA

A Metodologia deste trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica, pois “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]” (GIL, 2002, pg.44). E documental, onde “[...] o material utilizado nas pesquisas [...] pode aparecer sob os mais diversos formatos, tais como fichas, mapas, formulários, cadernetas, documentos pessoais, cartas, bilhetes, fotografias, fitas de vídeo e discos” (GIL, 2002, p. 88). As fontes para se extrair as músicas para serem analisadas, foram discos das respectivas bandas em questão. A fundamentação teórica ancora-se principalmente de Jakobson (2007) e Rocha (2014).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRIA

Para adentrar no tema principal deste trabalho, é preciso entender o processo que acontece nessa transfusão dos mitos e textos literários para as músicas. Esse processo é chamado de tradução intersemiótica, que é a tradução de um sistema de signos a um outro sistema semiótico. Assim define Jakobson (2007, fl 43), ao apresentar os três tipos diferentes de tradução:

- 1) A tradução intralingual ou *reformulação (rewor-ding)* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução iriterlingual ou *tradução propriamente dita* ‘consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução inter-semiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

Neste sentido “[...] ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua [...]” (JAKOBSON, 2007, fl 43). Com isso, “[...] tal tradução é uma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes” (JAKOBSON, 2007, fl 43).

Essa tradução pode ser vista no vasto campo das artes, o artista tenta repassar a mensagem de um determinado ponto referencial, seja ele um mito ou não, para o seu público, criando assim uma nova ambientação, em uma nova linguagem, mas que equivale ao seu ponto original. A pintura, a música e o cinema, são campos que mais exploram esse processo.

O *Heavy Metal* possui um começo controverso, mas “[...] a teoria mais aceita é que o gênero começou com o primeiro álbum do *Black Sabbath*, que foi lançado em fevereiro de 1970 (DUNN *apud* ROCHA). *Black Sabbath* “[...] em seu álbum de estreia, foi a primeira banda que concentrou as características do gênero musical, embora o nome *heavy-metal* tenha aparecido alguns anos antes na canção "*Born to be Wild*" escrita pelo conjunto *Steppenwolf* em 1967” (ROCHA, 2014, p. 6).

O gênero possui várias vertentes, as quais têm suas características próprias, suas bases para as composições vão desde situações do cotidiano até acontecimentos históricos. Algumas bandas usam da literatura para suas composições. A banda alemã *Blind Guardian*, por exemplo, usa do universo criado por J. R. R. *Tolkien*, o álbum conceitual *A Nightfall in the Middle-earth* é baseado no livro “O Silmarillion”, podendo também ser mencionada a canção *And Then There Was Silence*, uma canção épica sobre a Guerra de Tróia, a qual faz também uma menção a *Ilíada*, de Homero.

O mito de Ícaro e Dédalo serviu de base para a canção intitulada *Flight of Icarus*, da banda britânica *Iron Maiden*. Teseu entrou no labirinto onde estava o Minotauro, para ajudar a encontrar a saída sem muita dificuldade depois de matar a fera, ele desenrolou pelo caminho um novelo com fio que Ariadne havia lhe dado. Quem teve a ideia foi Dédalo e, “ao saber do que ocorrera, Minos, enfurecido, aprisionou Dédalo e seu filho Ícaro no labirinto, pois julgava que o arquiteto tinha sido cúmplice daquela traição [...]” (VASCONCELLOS, 1998, p. 25). Para fugir do labirinto, Dédalo “[...] fez, com penas de aves coladas com cera, um par de asas para si e outro para o filho [...]” (VASCONCELLOS, 1998, p. 25). Ícaro não obedeceu às ordens do pai, se aproximou muito perto do sol, fazendo com que a cera das asas se derretesse e assim caíra no mar Egeu.

A banda americana *Manowar*, em seu álbum *The Triumph of Steel* dispõe de uma música “homérica” intitulada *Achilles, Agony and Ecstasy in Eight Parts*. A música, dividida em oito partes, conta a história mitológica de Aquiles, mais precisamente a vingança de Aquiles contra Heitor. E apresenta-se em consonância com o mito. Na descrição do mito, Bulfinch (2002, p. 265) assentou que após a morte de Pátroclo em campo de batalha pelas mãos de Heitor, “Aquiles, então, lançou-se à batalha excitado pela ira e pela sede de vingança, que o tornavam irresistível. Os mais bravos guerreiros fugiam dele ou caíam sob sua lança”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as músicas, é notório ver que, embora os mitos estejam sendo contados de uma outra maneira, sua essência ainda continua. Por mais que os textos tenham sido escritos há muitos anos atrás, ainda se tem muita influência atualmente, em todos os campos da arte, seja música, cinema, na literatura em geral. É preciso ter um olhar cuidadoso e especial quando o assunto é *Heavy Metal* e suas vertentes. Paralelo ao som pesado da guitarra, das batidas aceleradas da bateria, da levada cadenciada do contrabaixo, existe uma rica influência da mitologia grega ou qualquer outra mitologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. Trad. David Jardim Júnior - Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein, José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix. 2007
- ROCHA, Diogo Octavio Muniz. *A Influência da Literatura no Heavy-Metal*. Belo Horizonte: UFMG, 2014 (monog. Policop.).
- VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Mitos Gregos*. São Paulo: Objetivo. 1998.

ESTUDOS LITERÁRIOS

MUHURAIDA: POESIA ÉPICA NO CONTEXTO AMAZÔNICO

LOPES, Murilo Walter Assayag¹²

GRIZOSTE, Weberson Fernandes¹³

RESUMO: *Esta comunicação tem como objetivo compreender o contexto relativo ao período de produção da Muhuraida, bem como o contexto literário referente à tradição épica*

¹² 4º ano de licenciatura em Letras (UEA). murilo.a.lopes@hotmail.com.

¹³ Professor adjunto de latim e estudos clássicos: wgrizoste@uea.edu.br.

brasileira colonial, relacionando com outras obras do período descrito. Visa também analisar a importância do pioneirismo da Muburáida como texto primogênito na literatura amazônica. A metodologia utilizada na produção deste artigo consiste no método bibliográfico, com base em Costa (2013); Góis (2013); Silva & Ramalho (2011) e Treece (1993).

Palavras-chave: *Muburáida; Literatura; Amazônia; Contexto; Mura.*

INTRODUÇÃO

A *Muburáida*, junto com *O Uruguai*, de Basílio da Gama (1768) e *Caramuru*, de Santa Rita Durão (1781), vêm a iniciarem as feições e características do gênero épico no Brasil, no século XVIII. Enquanto o poema de Wilkens se baseia nos acontecimentos ocorridos na região Norte do Brasil, *Caramuru* irá relatar os fatos ocorridos na região Nordeste, e *O Uruguai* irá especificar os acontecimentos no Sul do Brasil. Nos três poemas árcades a temática e a imagem do indígena finda por aparecer como tema principal.

A *Muburáida ou o triunfo da fé* acaba por vir relatar, em forma de propaganda para os colonizadores portugueses na região amazônica, os sucessos da administração do Estado Português na Amazônia e as consequências das mudanças feitas pelo governo do Marquês de Pombal, com a expulsão dos jesuítas e o fim de sua administração dos aldeamentos indígenas e do Brasil, e a substituição destes pela criação dos Diretórios de índios na Amazônia, a partir da promulgação do documento intitulado *Diretório que se deve observar nas Povoações dos Índios do Pará, e Maranhão, enquanto Sua Majestade não mandar o contrário* publicado em 1758, sendo a partir daí a administração destes aldeamentos feitas por diretores leigos.

METODOLOGIA

Essa pesquisa foi essencialmente bibliográfica e obedeceu conforme a proposta de (Gil, 2002, pg. 60-87), como: escolha do tema do artigo; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; busca das fontes; leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto; e redação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRIA

A *Muburáida* teve como objetivo maior, como explica Treece (1993, p. 17) narra de forma poética os acontecimentos ocorridos no território amazônico, principalmente nas margens dos rios Madeira e Solimões, em plena colonização portuguesa, no século XVIII, os conflitos militares e tentativas de reconciliação com a nação Mura, e conseqüentemente, os feitos e sucessos da Coroa Portuguesa a partir da expulsão dos Jesuítas e implementação dos Diretórios de índios na Amazônia colonial. Como entendemos, a *Muburáida* pretende mostrar em versos a saga dos índios Mura

em contato com a sociedade envolvente, tida como civilizada, a frustrada tentativa de causar uma guerra contra estes, não autorizada pelo rei Dom João VI, e as ações de incluir no meio desse povo pessoas que não tinham propriamente a descendência da etnia Mura, processo este que ficou conhecido como *murificação*, ou seja, a própria inclusão social dos índios Mura, como afirma Pequeno (2006, p. 135). É importante citar que os Mura foram uma das principais nações que constituíram o paradigma dos índios bárbaros, ou “de corso”, contra os quais tentou se mover a mais enfurecida guerra de extermínio durante o período de colonização, na Amazônia (*idem*, p. 136). Podemos também defender a ideia para a composição da epopeia amazônica como um “ofício da fé”, simbolizando a resistência dos indígenas da etnia Mura, sendo estes foram posteriormente subjugados por força militar em nome do pensamento contido na colonização portuguesa, sendo esta expandir o Império Português e a fé cristã.

Levando em conta registros históricos, a presença dos índios Mura às margens do rio Madeira representava ameaça aos colonos dessa região, pois como nativos irredutíveis à colonização dificultavam a exploração no interior da floresta, ameaçando estabelecimentos, vilas e cidades à margem dos rios Madeira e Solimões, visto em conta de sua grande capacidade de mobilização, ocupando praticamente toda a região da bacia hidrográfica do rio Madeira.

Discute-se as causas pela qual ocorreu o ocultamento do poema *Muhuraida* no cenário literário brasileiro e dos estudos sobre literatura brasileira em geral, em comparação a outros poemas produzidos no Brasil Colonial, como *O Uruguai* e *Caramuru*, chegando a apontar-se um enredo envolto em um conflito amoroso como indicam Treece (1993, p. 17) e Silva (2011, p. 55-56), e com a falta disto, não interessando aos outros escritores da época. Outro fator apontado para o ocultamento do poema épico amazônico deveu-se à grande distância da Amazônia dos grandes centros urbanos brasileiros (COSTA, 2013, p. 56).

Em relação à influência da concepção árcade-neoclássica, podemos conceber a ideia de que a literatura pôs em destaque a concepção clássica daquele período. Entendeu-se que o fazer heroico fez o homem melhor, resultando no aperfeiçoamento e progresso de suas ideias, conceitos e instituições. A ideia de progresso levava a concepção do arbítrio divino e, mesmo, deste como ato de Deus, de sua Santa Providência, espera-se como resultado um mundo melhor, mas ainda assim dependente do homem. Ainda também é perceptível a ideia das Luzes de forma mais específica ou positiva em uma ordem de atribuições causais sobre determinadas origens, em concepções ou ideias de nação, povo, além de agentes históricos, políticos e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após mais de dois séculos de sua publicação, a *Muburaida* resgata os primórdios da literatura amazonense/amazônica, em que a região amazônica, no século XVIII, ainda vivia sob a égide e domínio da Coroa Portuguesa. O poema de Wilkens pode ser traduzido como um relato, trazendo à tona o momento vivido pela província do Grão-Pará, precisamente na região do estado do Amazonas atual. O poema é considerado por muitos autores o primeiro texto da literatura amazonense, sendo de enorme importância para a formação literária na região amazônica.

É inegável a importância desta obra para a literatura amazonense e, conseqüentemente, para a literatura brasileira no geral, principalmente no período de colonização do Brasil entre os séculos XVI a XIX, onde não há muitos registros escritos e a literatura brasileira começava a amadurecer. É importante também destacar a importância histórica do poema, pois registra um dos acontecimentos mais importantes da capitania do Grão-Pará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDAS, Yurgel Pantoja. *A construção épica da Amazônia no poema Muburaida, de Henrique João Wilkens*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- COSTA, Veronica Prudente. *Muraida: A tradição literária de viagens em questão*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013 (tese policop.).
- DIRECTORIO *que se deve observar nas povoações dos índios do Pará, e Maranhão em quanto Sua Magestade não mandar o contrario*. Lisboa: Of. de Miguel Rodrigues, 1758.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- PEQUENO, Eliane da Silva Souza. “Mura, guardiães do caminho fluvial” *Revista de Estudos e Pesquisas FUNAI* n.1/2, 2006, p.133-155.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos da. RAMALHO, Christina B. *Dois momentos da épica árcade-neo-clássica brasileira: Vila Rica e Muburaida*. Rio de Janeiro: Matruga 2011.
- SILVA, Maria de Nazaré Carvalho, “Estudos sobre a Muburaida e suas raízes clássicas”. ALBUQUERQUE, Renan, GRIZOSTE, W. (org.). *Estudos Clássicos e Humanísticos & Amazonidades*. Vol. 2. São Paulo: Alexa Cultural, 2018, p. 115-136.
- TREECE, David H. *Introdução crítica à Muburaida*. in WILKENS, Henrique João. *Muburaida ou o triunfo da fé*. Org. David Treece. Manaus: Biblioteca Nacional/UFAM/Gov. AM, 1993, p. 11-31.
- WILKENS, Henrique João. *Muburaida ou o triunfo da fé*. Org. David Treece. Manaus: Biblioteca Nacional/UFAM/Gov. AM, 1993.
- _____. *Muraida ou o triunfo da fé*. Org. Tenório Teles. Manaus: Valer, 2012.
- _____. *Muburaida ou o triunfo da fé*. Org. W. F. Grizoste. Manaus/Parintins: UEA, 2017.
-

LITERATURA INDÍGENA NO AMAZONAS: CULTURA E ANCESTRALIDADE EM NARRATIVAS PLURAIS

SANTOS, Francisco Bezerra dos¹⁴

RESUMO: *Na literatura indígena amazonense os escritores indígenas tem na tradição e nos costumes étnicos a matéria poética para suas produções. Dito isso, o propósito desse trabalho é tecer considerações sobre as características dessa literatura. As discussões partem dos estudos de Almeida e Queiroz (2004), Graúna (2013), Thiél (2012) e outros. Como parte de uma pesquisa em andamento, esse trabalho buscar trazer novos olhares sobre o entrelugar da literatura indígena.*

Palavras-chave: *Literatura indígena. Amazonas. Cultura. Ancestralidade. Entrelugar.*

INTRODUÇÃO

Na literatura indígena produzida no Amazonas os escritores buscam a inserção de seus relatos na construção de uma nova história em que o indígena aparece não mais como coadjuvante, mas como agente de sua própria história. Enquanto a história narrada pelo colonizador deixou o indígena à margem, a literatura indígena amazonense tem por intuito estabelecer novas versões sobre as etnias, desconstruindo estereótipos estabelecidos ao longo do tempo. Desse modo, a escrita indígena confirma a vontade de afirmação cultural e identitária através de narrativas plurais e híbridas.

METODOLOGIA

As discussões aqui presentes são de caráter puramente bibliográfico. Para Gil (2010, p.26), a pesquisa bibliográfica corresponde à investigação que se realiza com base em materiais já elaborados como livros, artigos, dissertações, teses etc. As leituras contribuíram para entendermos melhor esse recente fenômeno literário no Amazonas, bem como compreender as relações do universo literário com a cultura indígena.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O objeto livro para o escritor indígena é um lugar de reconstrução da memória. É através do domínio da escrita, que passam a fazer história, como produção de sentidos para a própria autoconstrução. Não há história sem discurso. Tão logo, a escrita e seus meios são instrumentos que os índios estão utilizando para configurar suas identidades (ALMEIDA; QUEIROZ, 2004, p.201).

Graça Graúna (2013) afirma que a especificidade da literatura indígena implica um conjunto de vozes baseadas no testemunho e de características mnemônicas contadas pelos mais velhos, embora muitas vezes

¹⁴ Graduado em Letras (UEA); mestrado em andamento em Letras e Artes (UEA)
francisco.santos362@gmail.com

seja vista com olhares diferentes e preconceituosos. De tal modo, as narrativas que compõem os livros indígenas no Amazonas são em sua maioria de origem oral, escrita e performática que representam práticas de tessitura de imaginários, manutenção de saberes ancestrais, expressão artística, criação e legitimação de identidades (THIÉL, 2012, p.38-39).

A literatura para esses escritores é uma forma de atualização dos conhecimentos antigos. É a partir dessas narrativas que buscam desconstruir os estigmas sobre as populações indígenas. Fazem isso utilizando seus saberes ancestrais atrelados a ferramentas do mundo globalizado, o que mostra que o indígena não é inimigo do progresso. Os autores indígenas negociam com a sociedade hegemônica um novo lugar para tornar visível a história, a textualidade e a identidade indígena. Eles mostram como os índios podem, ao assumir o controle da narrativa, redefinir seu passado, presente e futuro, na literatura e no mundo (THIÉL, 2012, p.101).

Desse modo, pensar o processo da escrita indígena, não significa descartar a importância da oralidade. Para Dorrico (2018, p.134), “a ancestralidade e a tradição oral passam a ser tomadas como signos na escrita, suas histórias reais ou fictícias são reescritas para serem contadas exaltando a beleza de ser indígena”. Nesse sentido, se a ancestralidade é matéria fundamental para a expressão estético-literária, a escrita não tem a intenção de apagar a tradição oral, fazendo dela coisa do passado, mas de juntas conviverem em prol do movimento de afirmação dos povos indígenas no país.

Na literatura de autoria indígena, conforme Márcia Kambeba (2018, p.40), a escrita assim como o canto, tem peso ancestral. Distingue-se de outras literaturas por carregar um povo, história de vida, identidade, espiritualidade. A palavra indígena está impregnada de símbolos e referências coletadas durante anos de convivência com os mais velhos, tidos como sábios e guardiões de saberes e repassados aos seus pela oralidade. Essa prática ainda é usada, pois é parte integrante da cultura em movimento.

A memória viva nas palavras dos anciãos reatualiza a tradição ancestral. Esses sábios, com suas vozes transmitem a cultura milenar de seu povo e preservam os conhecimentos que necessitam para a manutenção das comunidades e para salvaguardar as sabedorias ancestrais. São esses saberes que possuem caráter de resistência que encontramos nas narrativas de autoria indígena. A memória, a tradição, as vozes ancestrais orientam a produção estética dos escritores indígenas em gêneros híbridos e adaptados ao tipo de dinâmica sociocultural, simbólica e epistemológica própria aos indígenas, consagrando a ficção, a contação de histórias, memórias, autobiografias, depoimentos, romance, conto, crônica, poesia enquanto literatura indígena (DORRICO, 2018, p.111).

As tradições influenciam diretamente a produção literária indígena contemporânea. O que comprova a relação do escritor indígena com suas origens. A escrita desses povos funciona como uma possibilidade de promover novos olhares sobre a cultura. Se anterior ao movimento indígena brasileiro, as narrativas se restringiam à condição de narrativas míticas, presentes na oralidade, agora, transfiguradas em textos, fazem parte de uma estética do fulgor, da pujança, da repartição dos dons (ALMEIDA, 2009, p.66).

Na contemporaneidade, as vozes ancestrais que ecoam das narrativas sugerem um mundo de pessoas que foram impossibilitadas de expressar suas ideias ao longo de cinco séculos. Portanto, a leitura da literatura indígena pode ser realizada a partir da compreensão cultural e criativa que os escritores indígenas têm apresentado. Com as vozes ancestrais, a memória, a oralidade e a poética individual e coletiva, observa-se uma chave de leitura essencial e proveitosa para acessar o texto e compreender a força da representatividade desse movimento emergente (DORRICO, 2018, 116).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, fica evidente a relação da literatura com elementos da cultura indígena, o que resulta em composições de narrativas plurais. Essas narrativas compostas entre a oralidade e a escrita são híbridas e multimodais, uma vez que os grafismos e ilustrações contribuem para o entendimento do enredo. Enfim, a literatura indígena é a representação da relação do homem com os saberes tradicionais de sua comunidade. Preservar por meio das letras registradas no papel é uma forma de perpetuação desses saberes. Embora, não se restrinja somente ao livro impresso. Ler obras indígenas é permitir a abertura do próprio sentido de texto, que não se limita unicamente à leitura ficcional, é preciso ler culturalmente, as tradições e as ancestralidades, e perceber que o texto literário indígena também é lugar de provocações, reivindicações, luta e resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Inês de, QUEIROZ, Sônia. *Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica: FALE/UFMG, 2004.
- ALMEIDA, Maria Inês. *Desocidentada: experiência literária em terra indígena*. Belo Horizonte: Editora UFMAG, 2009.
- DORRICO, Julie. A leitura da literatura indígena: para uma cartografia contemporânea. *Revista Igarapé* 2 (2018) p.107-137.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2010.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. “Literatura indígena: da oralidade à memória escrita” In: DORRICO, Julie *et al.* (Orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

THIÉL, Janice. *Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SIMULACRO: DO REAL AO FICTÍCIO EM SANGUE DE COCA-COLA

PEREIRA, Alex Viana¹⁵

MAIA, Gleidys Meire da Silva¹⁶

RESUMO: *A obra Sangue de Coca-Cola (1982) de Roberto Drummond é um romance constituído por colagens de acontecimentos que envolvem o real e o fictício, é um labirinto de ideias que abrangem 20 anos de história do Brasil (ditadura militar) com diferentes olhares em um único dia (01 de abril de 1964). Isso tudo sob os delírios dos personagens. Desse modo, este trabalho é de cunho bibliográfico e tem o objetivo de analisar o que Jean Baudrillard (1981) chama de simulacro, o dissimular, a representação imaginética.*

Palavras-chave: *Ditadura Militar. Delírios. Polifonia. Simulacro. hiper-real.*

INTRODUÇÃO

As histórias encontradas no romance se deslocam a cada capítulo, pois são personagens e narrativas distintas dentro de um único livro. A obra é extremamente fragmentada e híbrida. Em meio a delírios ocasionados por lança-perfume e LSD (uma droga alucinógena), os personagens encontram-se em espaços e tempos diferentes, onde o autor envolve os fatos históricos e ficcionais.

Os fatos históricos do Brasil que permeiam a ditadura militar encontrados na obra vão se coadunando com os ficcionais e formulando o que Baudrillard (1981) define como simulacros. Simulacro é a representação imaginética que transmite determinada situação como real, podendo ser falsa ou incorreta.

METODOLOGIA

O estudo é de cunho bibliográfico, visto que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado” (GIL, 2008, p. 44). O trabalho foi produzido no decorrer da disciplina: Estudos Temáticos de Literatura brasileira IV, ministrada no curso de licenciatura em Letras pela professora doutora Gleidys Meire da Silva Maia, no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP-UEA). Desse modo, o trabalho tem como objeto a obra “Sangue de Coca-Cola” de Roberto Drummond, no qual o pesquisador preocupa-se em compreender o que Jean Baudrillard (1981) a ponta como simulacro, a representação imaginética.

¹⁵ Graduado em Letras (UEA): alexviana742@gmail.com

¹⁶ Doutora em Letras (UFRS), Professora Adjunta do CESP.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRIA

Roberto Drummond em *Sangue de Coca-Cola* (1982) toma a polifonia para a construção do seu romance, pois a obra é fragmentada e narra à história de múltiplos personagens que se encontram em espaços diferentes e sob a base de delírios vão se colocando no decorrer da narrativa. De acordo Bowes (2015, p. 8) “as várias vozes contêm, assim, uma pluralidade de mundos, em que cada uma corresponde a um universo particular.”

Através desses diversos “mundos” e das diferentes visões que os aspectos da dissimulação se coadunam com os fatos históricos e fictícios. Conforme Baudrillard (1981, p. 9) “dissimular é fingir não ter o que se tem”, assim, em *Sangue de Coca-Cola* percebe-se a falsa felicidade que os personagens remetem, mas que são apenas delírios de um 01 de Abril que funciona como ironia, pois popularmente esse dia é conhecido como dia da mentira, isto é, essa falsa felicidade é dada pelo efeito do lança perfume e da droga alucinógena LSD. Como se pode observar no excerto: “relato de alucinações num dia 1º de Abril que cheirava a carnaval, quando o Brasil, segundo suspeitas mais tarde confirmadas, tomou Coca-Cola com LSD e entrou numa bad (DRUMMOND, 1981, p.7).”

As muitas vozes manifestadas nos múltiplos núcleos da narrativa, somadas aos delírios dos personagens, mostram-se na obra do começo ao fim, seja por meio dos narradores, como diz Mendonça (2015, p. 73), “heterodiegético, autodiegético ou ainda por um narrador homodiegético.”

Ou através da linguagem dos próprios personagens, como ainda ressalta Mendonça (2015) a respeito da linguagem do sargento de comando, do piloto do helicóptero número 3, do homem do Sapato Amarelo e de Terê, cada um apresentando um discurso comum ao seu espaço social.

Essa perspectiva também vai ao encontro do que Ludmer (2010) define como “pertencimento” dos sujeitos, pois através da linguagem se pode observar a que situação social esses personagens estão. Tudo isso, apresentado em núcleos diferentes dentro do romance, coadunando “realidade” e fantasia, contribuem para a construção dos simulacros.

Os delírios encontrados em *Sangue de Coca-Cola* desaguam também no que o filósofo Baudrillard (1981) define como hiper-real (aspecto do simulacro). A hiper-realidade funciona como intermédio entre a consciência e a “realidade” do sujeito. Esse aspecto colocado pelo filósofo caracteriza-se pela perda da capacidade de diferenciar realidade de fantasia, com isso, o sujeito se transporta para esses dois mundos ao mesmo tempo.

O sujeito deixa de ter uma compreensão da realidade, não obtém o entendimento do que se acredita ser “racional”, se relaciona com a fantasia e

perde a capacidade de diferenciar o real do fictício, se deslocando para o mundo hiper-real, um mundo trajado pelo “aperfeiçoamento”.

Roberto Drummond faz o leitor passear em meio à história do Brasil, volta ao golpe 1964. Todas as atrocidades cometidas naquela época se entrelaçam com a ficção. O autor constrói os espaços de *Sangue de Coca-Cola* que, segundo Bowes (2015, p. 9), “[...] desafia o discurso historicista que remete aos momentos da história como pontos fixos e inquestionáveis, em que o historiador se move para verificar o que ‘realmente’ aconteceu e destacar os fatos”, ou seja, são apresentadas outras visões dos acontecimentos.

Essa incerteza é um dos aspectos do simulacro, pois são colocadas outras possibilidades fantasiosas dos acontecimentos, quer dizer, é transmitida determinada situação como real, mas que ao se deparar com as alucinações dos personagens o leitor não consegue definir de imediato o que é mimese dos fatos históricos da ditadura militar de fantasia (alucinações dos personagens).

De acordo com Bowes (2015, p. 14) “recontar a história narrada em *Sangue de Coca-Cola* é estar preso em um labirinto, numa vasta construção onde uma rede de referências, informações e tempo se embaralham de tal maneira que se torna difícil encontrar a saída”, com isso, constata-se, conforme Baudrillard (1981, p. 29 e 30) que “a ilusão já não é possível porque o real já não é possível”, ora, os acontecimentos que embaralham a narrativa levam o leitor a uma desestabilização do que ele “possivelmente” conheça da ditadura militar.

Em síntese, Roberto Drummond usa de artifícios como o simulacro para tentar repassar as diferentes visões da ditadura, exibindo através dos delírios dos personagens as inúmeras possibilidades para aquele 01 de Abril de 1964.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fragmentação encontrada na obra, especificamente a fragmentação do tempo, será a realização do simulacro, pois o simulacro é o ser da literatura, um ser que não existe, um ser dissimulado.

Sangue de Coca-Cola é uma narrativa atemporal, retrata os dias atuais do Brasil. A sociedade contemporânea parece se encontrar em uma hiper-realidade, fantasiam os fatos e não percebem a falsa felicidade que ronda como a Borboleta Verde na obra. Drummond (1982, p. 35) diz que “Fascismo mal curado é pior que tuberculose mal curada: volta no primeiro resfriado”. Isso convém nos dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulações*. Trad. Maria João da Costa Pereira, Lisboa: Editora Galiléa, 1981.

- BOWES, Ernest. “Sangue de Coca-Cola A carnavalização e a literatura pop de Roberto Drummon” *Jangada* 5 (2015) p. 8-29.
- DRUMMOND, Roberto. *Sangue de Coca-Cola*. São Paulo: Ática, 1982.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2008.
- LUDMER, Josefina. “Literaturas Pós-autônoma” *Sopro* 17 (2010) p. 1-6.
- MENDONÇA, Ana Carolina Moura. *O Cheiro do Carnaval: Sangue de Coca-Cola e a ditadura militar brasileira*. Natal, 2015.
-

O IMAGINÁRIO FANTÁSTICO NA REPRESENTAÇÃO MITOLÓGICA DO MINOTAURO NA OBRA “OS REIS” DE JULIO CORTÁZAR

PEREIRA, Ioneli Brito¹⁷

ALMEIDA, Sávio Azevedo¹⁸

GUERREIRO, Wilkiany Fragata¹⁹

NUNES, Sílvia da Silva²⁰

SÁ, Alexandre Lira²¹

SICSÚ, Delma Pacheco²²

RESUMO: *Este artigo tem como objetivo analisar a obra “Os Reis” de Julio Cortázar a partir de uma abordagem do imaginário fantástico presente na figura de Minotauro. Cortázar apresenta uma nova versão da história do Minotauro, sem deixar de enfatizar a questão do fantástico, focando ainda mais na questão do imaginário. A representação desse ser fantástico muito tem a dizer sobre o Homem e sobre os problemas enfrentados na atual conjuntura da sociedade. Alguns dos autores utilizados para o desenvolvimento do trabalho foram Trindade e Laplatine (1997), Araújo (2017) e Assunção (2011).*

Palavras-chave: *Minotauro. Imaginário. Fantástico. Mitologia. Cortázar.*

INTRODUÇÃO

A obra “Os reis” de Julio Cortázar publicada em 1949 foi pensada a partir da antiga história de minotauro da mitologia grega. Diferente do mito original, Cortázar recria um personagem menos apático e mais humano. No mito atual, ocorre um processo de desconstrução da figura sobrehumana do minotauro. A tradição associava-o ao horror e lhe impregnava os piores

¹⁷Graduação em Letras (UEA); Pós-graduação em andamento em Língua Portuguesa e Literatura (FACIBRA).

¹⁸ Graduação em Letras (CESP-UEA); Prof. de Língua Portuguesa (SEMED)

¹⁹Graduação em andamento 4º ano de Letras (CESP-UEA).

²⁰Graduação em Letras (CESP-UEA).

²¹Graduado em Letras (CESP-UEA); Pós-graduação em andamento em Língua Portuguesa e Literatura (FACIBRA).

²² Mestrado em Letras e Artes (UEA); Professora do curso de Letras da UEA.

conceitos que perdurariam, desde então, aos dias atuais. Mas, aos poucos, esses conceitos vão se desfazendo conforme as diferentes percepções que são apresentadas. A releitura de Cortázar propõe uma nova abordagem da história com o intuito de fazer refletir determinado problema da realidade vivenciada pelo leitor. Daí o trabalho a ser desenvolvido com a imaginação do leitor crítico e reflexivo. Tal leitura abre espaços para diversas interpretações.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido no 6º semestre do curso de Letras durante as aulas da disciplina optativa “Imaginário literário” ministrada pela professora Ms. Delma Pacheco Sicsú. A pesquisa é bibliográfica, pois buscou-se analisar a obra “Os Reis” do autor argentino Julio Cortázar (1914-1984) na perspectiva do imaginário fantástico. Foi necessário responder ao questionamento do tema proposto com base nos estudos das autoridades para, assim, discutir com as análises e interpretações da narrativa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme acentua Trindade & Laplatine, “o imaginário, portanto, de maneira geral, é a faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção.” (1997, p.24) O imaginário é, pois a capacidade de atribuir e obter significações a algo que vai além da percepção. Ele se transpõe para um processo mais rico de construção de significados, sendo mais livre no seu particular, representado com várias facetas.

Tal processo, rico de construção, se perfaz na obra de Júlio Cortázar como artifício para dar novas atribuições de significados em torno de um ser mitológico tal como é o Minotauro. Esse ser mitológico ganha novas características na narrativa de “Os Reis” em que entrelaçam a representação metafórica desse personagem com interpretações a respeito da própria condição existencial humana e do próprio poeta com sua liberdade literária.

Neste aspecto, o Minotauro em “Os reis” ganha uma nova percepção de sua figura representada agora por Júlio Cortázar de forma não mais tão cruel como no mito antigo, mas doce, inteligente e admirador da arte, características humanas que entram em conflito com a figura de um monstro. Segundo Araújo “O Minotauro cortaziano é um ser estranho, que causa medo nos cretenses e temor aos condenados atenienses. Porém, tais características não o representa. Apesar de viver escondido no labirinto, o cabeça de touro é doce, inteligente e aprecia à arte”. (2017, p.90)

O personagem está para construir o espelho simbólico da própria condição humana que se encontra permeada entre o elo do ser racional e animal, que tem que lidar com seus medos, impulsos, e com a monstrosidade em seu inconsciente:

Minotauro: O que sabes tu sobre a morte, doador da vida profunda.

Olha, só há um meio para matar os monstros: aceitá-los...(CORTÁZAR, 2015, p.67).

Eu descerei para habitar os sonhos de suas noites, de seus filhos, do tempo inevitável da estirpe... Da minha liberdade final ubíqua, meu labirinto diminuto e terrível em cada coração de homem (CORTÁZAR, 2015, p. 69).

A passagem acima vai ao encontro com o pensamento de Assunção quando afirma: “podemos dizer que cada um constrói ou produz o Minotauro que lhe convém; se o Minotauro é, por excelência e oposição, o monstro que surge do e no inconsciente, representa desejos obscuros, perversões e desvios.” (2011,p.05). Desse modo, o Minotauro representaria os desejos e os impulsos do inconsciente, espelhando o nosso lado irracional e animalesco inerente a cada ser humano, como espelho transfigurado de suas experiências individuais, do lado duplo que cada um possui e não quer olhar e da perpetuação de um mito no imaginário das pessoas.

Além de representar a metáfora da condição humana, Minotauro de Cortázar simboliza o próprio poeta como perigo para a ordem estabelecida, para os padrões estéticos que seria o mito original com uma narrativa específica, revisitada pelo autor, de novas maneiras, fugindo das regras e convenções. Cortázar usufrui do imaginário para possibilitar novas percepções de dado mito, das personagens que se invertem em seus papéis e na construção de sua narrativa que causa estranhamento em relação à clássica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trindade e Laplatine (1997) afirmam que quando o imaginário pode, a partir de então, improvisar, recriar, fingir, trazer ao mesmo objeto novas impressões. Percebemos que no livro “Os Reis” Julio Cortázar, na perspectiva do imaginário, faz a desconstrução do verdadeiro mito de minotauro que percorreu o imaginário grego e se espalhou pelo mundo passando de geração a geração, ganhando assim novas configurações. Em síntese, Cortázar traz novas impressões sobre o mito, recriando-o e estabelecendo novos sentidos a ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Daniel Aparecido Burgos de. *Os reis: mito e história no teatro político cortazariano*. Tangará da Serra: UNEMAT 2017 (dissert. Policop.).
- ASSUNÇÃO, Diego Paleólogo. “O labirinto Contemporâneo: a experiência do Minotauro em Borges e Cortázar. Imaginário, efeito do real e contradição da monstruosidade”. *Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC* (2011).
- CORTÁZAR, Julio. *Os Reis*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

ESTUDOS LINGUÍSTICOS

METÁTESE: DO LATIM AO PORTUGUÊS BRASILEIRO

SÁ, Alexandre Lira²³

GRIZOSTE, Weberson Fernandes²⁴

RESUMO: *Este trabalho, de natureza qualitativa, vem abordar o processo etimológico através da metátese na formação da Língua Portuguesa no Brasil. Tais transposições ocorreram no Latim e originaram novos vocábulos, isto é, uma nova língua se concretizara. E esse processo é contínuo até hoje, por isso, a importância de enfatizar tal estudo. As autoridades utilizadas para a discussão da fundamentação teórica são Coutinho (1976), Hora et al (2007), Sá Nogueira (1958), Viaro (2011/2013) e Williams (1961).*

Palavras-chave: *Latim. Português. Metátese. Transposições.*

INTRODUÇÃO

O fenômeno da metátese se refere, de modo geral, às mudanças que ocorrem dentro de uma determinada língua. Conforme os estudos de Coutinho (1976), esse processo faz menção à transposição de determinado fonema em que se pode encontrar em uma mesma sílaba ou entre sílabas como, por exemplo, sempre > sempre; capiam > cabia > caiba, respectivamente. Assim, podemos dizer que trata-se de “uma mudança em que os sons trocam de posições com um outro dentro de uma palavra” (HORA, *et al*; 2014, p. 03).

METODOLOGIA

Esta pesquisa sobre o processo da metátese foi desenvolvido como requisito avaliativo no 5º semestre de Letras durante o curso da disciplina optativa de “Etimologia” ministrada pelo professor Dr. Weberson Fernandes Grizoste; e agora aperfeiçoada para esta comunicação. O pesquisador utilizou-se da pesquisa bibliográfica para indagar sobre os conceitos e definições da metátese e analisar as palavras originárias do latim ao Português brasileiro onde esse processo ocorre. As autoridades, essenciais em uma pesquisa dessa

²³ Graduado em Letras (UEA); Pós-graduação em andamento em Língua Portuguesa e Literatura (FACIBRA).

²⁴ Professor adjunto de latim e estudos clássicos: wgrizoste@uea.edu.br.

natureza, já mencionadas foram indispensáveis para a concretização do presente estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Alguns autores sugerem alguns tipos de metátese, como é o caso de Nogueira (1958) que a classifica de três modos: progressiva, regressiva e recíproca. De acordo com o autor, a metátese progressiva só acontece quando ocorre a transposição de um fonema localizado à esquerda da palavra para a direita, como em: *frenesim* > *fernesin*; o processo regressivo ocorre de forma contrária ao anterior, pois há a transposição de um fonema situado à direita do vocábulo para a esquerda: *Antoino* > *Antonio*; e, por último, a metátese recíproca se refere às mudanças fonéticas de um mesmo vocábulo: *calanização* > *canalização*. Na medida em que ocorrem transformações no interior dos vocábulos, acabam por se firmar novos termos linguísticos:

O processo de reordenamento de segmentos dentro de uma mesma palavra é um fenômeno antigo e persistente na Língua Portuguesa. Da passagem do latim para o português, há formas derivadas por metátese, que se consolidaram em uma única forma escrita no português moderno, como em *fenestra* > *fresta* e em *semper* > *sempre*. Já outras palavras mantêm registro gráfico variável em dicionários atuais, como é o caso, por exemplo, de *parlar* ~ *palrar* e de *enjoar* ~ *enojar* (HORA *et al*, 2014, p. 07).

A metátese não implica somente a troca de posição entre um fonema e outro, mas apresenta certo grau de complexidade quanto às suas variadas formas de mudanças. Temos casos particulares representados nas análises de Hora (*ibidem*), quanto as transposições dos segmentos: a) consonantais /r, l, n, s/, vistos em: *crepare* > *quebrar*; *sibilare* > *silvar*; *remussiare* > *resmungar*; *anhelitu* > *alento*; b) de vogais e de glides: *ravia* > *raiva*; *primariu* > *primairo* > *primeiro*; *geneculu* > *geolho* > *joelho*; c) entre sílabas: *chantar* > *tauchar*. Os termos consonantais estão bem mais expressos dentro da língua falada no Brasil, isso se deve à dimensão que as consoantes atingiram durante a evolução das palavras. Nessa perspectiva, Williams (1961, p. 119) apresenta um conjunto de palavras através da transposição do /r/: *fenestram* > *feestra* > *fresta*; *pigrítiam* > *pegríça* > *preguiça*; *tênēbras* > *teevras* > *trevas*; *fabricam* > *fravega* > *capistrum* > *cabresto*; *praesaepem* > *pesebre*; *satisfacēre* > *satisfazer* (com deslocamento de conjugação) > *sastifazer* (popular). Dessa mesma forma, Viaro (2011, p. 159) atentou-se para o caso da mudança de posição da consoante de uma sílaba para outra. Podemos citar “*fenestram*” para exemplificá-lo: no primeiro estado a consoante /r/ encontrava-se na última sílaba; ainda em “*feestra*”, com um pequeno acréscimo no interior do

vocábulo na primeira sílaba, a consoante permanecia intacta na última sílaba; somente mais tarde houve o processo de transposição e a consoante passa para a primeira sílaba em “fresta”.

Tais transposições linguísticas se farão repetidas dentro do dialeto dos falantes brasileiros, uma vez que as variações linguísticas se estendem de região para região. Como se observa nas descrições de Viaro (2013, p. 64), “ainda hoje muita gente diz *vrido*, *drento*, *estrupe* em vez de *vidro*, *dentro*, estupro. Outros dizem *ráudio*, em vez de *rádio*”. Uma boa parte desses falantes continuam a utilizar vocábulos que não estão estabelecidos dentro do sistema padrão da língua. Para Hora *et al* (2014, p. 10), “no PB, parece que o processo de transposição de sons está relacionado à escolaridade, principalmente, pois sua realização ocorre preferencialmente em informantes com poucos anos de escolarização”. Ao retratarmos que a língua é dinâmica, então é possível observarmos diversas alterações no interior da sua estrutura. A forma com que determinados falantes utilizam certos vocábulos ainda é reflexo das palavras oriundas do latim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo etimológico através da metátese explica a origem das diversas palavras que hoje os falantes utilizam no dia a dia. As transposições que ocorreram na estrutura de determinados vocábulos latinos culminaram outros termos de um novo conceito linguístico. Isto é, a partir do Latim, o fenômeno da metátese foi fundamental para que um novo sistema linguístico se concretizasse, ao qual hoje conhecemos por Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COUTINHO, Ismael. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1976.
- HORA, Dermeval da; TELLES, Stella; MONARETTO, Valéria N. O. “Português brasileiro: uma língua de metátese?” *Letras de Hoje* 2 (2007) p. 1-19.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Tentativa de explicação dos fenômenos fonéticos em português*. Lisboa: Clássica, 1958.
- VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011, 127-188, 291-304.
- _____, *Manual de Etimologia do Português*. São Paulo: Globo Livros, 2013, 2-112.
- WILLIAMS, Edwin B. *Do Latim ao Português*. Trad. António Houaiss. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1961. 42-122.
-

LINGUÍSTICA APLICADA E PRAGMÁTICA: FONTE INESGOTÁVEL DE POSSIBILIDADES INTERACIONISTAS

CANUTO, Sanny Kellen A. C.²⁵

RESUMO: *Este trabalho pondera acerca do papel da Linguística Aplicada atualmente e sua importância para os estudos da linguagem. A pesquisa de cunho bibliográfico tem como aporte principal os estudos de Kanavillil Rajagopalan nas obras Nova Pragmática: fases e feições de um fazer (2010), e Por uma Linguística Crítica: Linguagem, identidade e questão ética, (2003). Elenca, ainda, que a LA não é apenas uma reprodutora, e sim a criadora de um novo fazer interacionista que corrobora significativamente para a ascensão dos estudos da Pragmática.*

Palavras-chave: *Linguística Aplicada. Pragmática. Linguagem. Interacionismo.*

INTRODUÇÃO

O panorama geral da Linguística Aplicada no Brasil ainda é de ascensão, ainda que seja uma disciplina autônoma e uma ciência comprovada, a mesma ainda é colocada dentro da Linguística Tradicional em muitos cursos do Brasil. A LA possui conteúdo e sustentação para ser a sua própria área acadêmica, podendo utilizar elementos que provem da linguística, mas não é, necessariamente, linguística. Portanto não se justifica como mais uma de suas ramificações.

A pragmática permite adentrar no universo da linguagem sem que se faça muito esforço ou jogos para pesquisar aquilo que se propõe. Kanavillil Rajagopalan (2003), (2010), esmiúça a consignação Linguística Aplicada-Pragmática a fim de mostrar o quão simples e ao mesmo tempo quão complexa pode ser a linguagem. O objetivo da LA é simplesmente mostrar que a fala corriqueira não deve em nada à fala rebuscada ou científica, cumprindo seu papel na enunciação.

O uso da linguagem simples, porém compreensível, ainda é vista como empobrecedora do trabalho científico. Ao analisar os estudos em Linguística Aplicada dentro de uma perspectiva pragmática, podemos perceber que a forma como uma ideia é expressa torna-se irrelevante quando o seu objetivo principal é alcançado: a inteligibilidade.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de procedimento bibliográfico que permitiu a maior compreensão das ideias expostas no âmbito das ciências humanas. Para Battista (1980) a metodologia é uma preocupação estrutural, pois cuida das formas de fazer ciência e dos diversos caminhos para se chegar

²⁵ Especialista em Linguística Aplicada na Educação (PROMINAS); graduada em Letras (UEA): sannykellen@outlook.com

a um resultado. No entanto, “é um erro superestimar a metodologia, no sentido de cuidar mais dela do que de fazer ciência. O mais importante é chegarmos onde nos propomos chegar[...] fazer ciência”. (BATTISTA, Mondin, 1980, p.19). Os resultados da discussão se apresentam nas diversas formas de interação consideradas válidas pela LA lançando mão da inteligibilidade como fator preponderante no fazer comunicativo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os estudos da linguagem desde sua gênese na Filologia e Linguística nos servem de ponto de partida a tudo que se seguiu, havendo importância histórica em todo o estudo de Saussure, Chomsky e demais estudiosos estruturalistas. Porém, o caráter heterogêneo da linguagem só pôde ser percebido e estudado através da pragmática, a análise da linguagem interacional é fundamental para correlacioná-la a fatores sociais. Falaremos de Linguística Aplicada tomando como base os estudos contemporâneos de Kanavillil Rajagopalan (2003), (2010). Por ser inovador e que aborda a Língua como um fator social, nos interessa refletir as multifaces da linguagem em suas práxis social e cotidiana, não excluindo o leigo em Linguística, menos ainda os falantes.

[...] é sabido que a Linguística enquanto ciência foi erguida sob a premissa de que a opinião do leigo, do informante que fornece os dados para as análises posteriores, não vale quase nada, a não ser para o ponto de vista de curiosidade[...] O senso comum sempre foi tratado como empecilho, algo a ser sumariamente descartado. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 132).

Rajagopalan pondera que esse distanciamento da Linguística do senso comum passa para o leigo uma ideia de elitização e altivez, fazendo com que a comunidade não se interesse pela ciência, e como consequência, não enxerga como os estudos da linguagem são importantes para a sociedade, “no fundo, tal atitude se relaciona com a dificuldade que o público leigo tem em perceber o próprio estatuto da linguística como ciência” (RAJAGOPALAN, 2003, 135).

Para Rajagopalan “ter interesse ou não em se dirigir aos anseios populares, em dialogar com os leigos, em pensar nas consequências práticas das nossas elucubrações teóricas é uma questão de escolha... é uma questão política”. (RAJAGOPALAN, 2003, p.135). Segundo Oliveira (2010), a pragmática não pode mais ser vista como um adendo da Linguística ou ainda uma tríade junto com a semântica e a sintaxe, mas sim como uma perspectiva completa da linguagem na comunicação, para ele, a pragmática apresenta-se completa no que concerne a complexidade dos usos da linguagem cinética, visual e sonora em diversos atos comunicativos intra e interculturais.

É preciso considerar que os usos da linguagem são comportamentos sociais e culturais. Porém, trata-se de comportamentos intencionais. Possuem motivos que nos permitem entendê-los [...] cada comunidade de falantes desenvolveu suas próprias regras de uso; o que atesta a riqueza e a complexidade que acompanha esses usos. (OLIVEIRA, 2010, p. 56).

Mey (2001) apud Rajagopalan (2010) defende que o trabalho feito em Pragmática deve ir além de questões descritivas e explicativas, mas que podem ser usadas como agente transformador da sociedade, trazendo para si uma responsabilidade social de provocar o interesse das pessoas pelo estudo da linguagem. O estudioso ainda defende a pragmática como sendo uma perspectiva sobre a linguística e não da linguística. Partindo desde pressuposto, surge um postulado acerca de uma definição de como funcionaria a pragmática, se “de dentro para fora” ou de “fora para dentro”. (RAJAGOPALAN, 2010, p. 75).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou a necessidade de pensar que ciência não é um ser autossuficiente que se faz sozinha, a LA não se aporta nesse entendimento, mas sim na ciência como uma ferramenta utilizada por pessoas, sujeitos que se situam histórica e culturalmente. Fazer Linguística Aplicada não é apenas ser um reproduzidor de ideias passadas, é abrir-se para o novo, reconhecer um objeto de estudo na explicação mais simplória. É abraçar uma nova concepção de linguagem e reconhecer as nuances da língua como um organismo vivo e incontrolável, o que a torna tão maravilhosamente complexa. Esta pesquisa pautou-se nos estudos de Kanavillil Rajagopalan a fim de apresentar um conceito relativamente novo de se fazer linguística, portanto, o trabalho de um linguista aplicado é muito mais importante do que se possa pensar. Não se trata de replicar, mas de formar uma teoria própria em domínios diferentes.

Aplicar-se aos estudos da linguagem é ter, não um, mas vários objetos que surgiram e surgirão no simples ato de falar. Está na política, na sociedade, nas universidades, na conversa informal do intervalo do trabalho, nas feiras livres, está em toda parte. Perceber que os mais diversos ambientes e saberes podem e devem ser tidos como relevantes é libertador. Está se estabelecendo um conceito de respeito entre ciência e ser humano. As possibilidades interacionistas que podemos vislumbrar através da comunicação, são expostas pela Linguística Aplicada, trazendo à tona o caráter social, político e cultural que corrobora os mais diversos tipos de fazeres enunciativos. A forma como podemos pensar a ciência e seus campos, os mais diversos saberes ganhando voz através de seus sujeitos, e sendo objeto de estudo de maneira humana e

ainda assim científica são as engrenagens que movimentam a Linguística Aplicada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATTISTA, Mondin. *Introdução à Filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. São Paulo: Paulus, 1980.
- OLIVEIRA, Jair. “Pragmática & Comunicação” *Linguagem em Foco*. 2 (2010) 53-66.
- MEY, Jacob L. *Pragmatics: Introduction*. Oxford: Blackwell, 2001.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Nova Pragmática: Fases e Feições de um Fazer*. São Paulo: Parábola, 2010.
- . *Por uma Linguística Crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.
- . *Uma Linguística Aplicada Plenamente Emancipada: Um sonho ou uma perspectiva correta?* *Linguagem em Foco*. Fortaleza, n. 02, p. 12-17, jul., 2010.

AS DICOTOMIAS DE SAUSSURE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

ARAÚJO, Dayane Pontes de²⁶

CASTRO, Franklin Roosevelt Martins de²⁷

RESUMO: *A presente pesquisa tem como principal objetivo apresentar as dicotomias da Linguística propostas por Ferdinand Saussure. Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, tendo como principal base teórica o Curso de Linguística Geral que reúne as proposituras de Saussure. Assim, faz-se importante mostrar também as contribuições que dos estudos saussurianos, destacando sua participação na definição do objeto de estudo da Linguística moderna que estuda a linguagem, mas essencialmente a língua, numa perspectiva sincrônica.*

Palavras-chave: *Dicotomias. Saussure. Contribuições. Estudos. Linguística.*

INTRODUÇÃO

Nos estudos pré-saussurianos, a linguagem antes do século XIX era estudada a partir da gramática considerando a forma da escrita correta, esses estudos eram influenciados por fatores religiosos, políticos e sociais. Já no século XIX, os linguistas descreviam a linguagem pelo método histórico-comparativista, em que uma língua era comparada com outras buscando semelhanças que pudessem determinar uma origem em comum.

A língua era definida como uma totalidade organizada, um organismo vivo, que existia em si mesma e por si mesma, independente e autônoma. Essa

²⁶ 2º ano de licenciatura em Letras (CESP-UEA): tamaradayane@hotmail.com

²⁷ Mestrado em Filosofia (UFC); doutorado em andamento em Linguística (UNICAMP): fknoosevelt@hotmail.com

concepção naturalista foi criticada por um grupo de linguistas, os neogramáticos, estes defendiam que a língua era ligada ao indivíduo falante, um produto social e as mudanças que ocorriam na língua também. Para isso, eram criadas leis que justificassem as mudanças, se distanciando da perspectiva histórica da língua no século XIX.

Com Saussure, os estudos dos fatos da linguagem caminham para a construção de uma ciência que tem como objeto de estudo a língua, por meio de dicotomias, Saussure inaugura a Linguística moderna no século XX. Por isso, o presente trabalho tem por objetivo descrever as dicotomias de Saussure e suas contribuições para os estudos linguísticos.

METODOLOGIA

O tipo de pesquisa que norteou este trabalho, é o bibliográfico, por meio dele pode-se compreender os fundamentos teóricos que embasam o estudo sobre as dicotomias de Saussure e os estudos linguísticos. Dado que se trata de uma pesquisa bibliográfica, os resultados apresentados se baseiam em estudos e pesquisas já realizadas que comprovam os aportes teóricos utilizados neste trabalho (LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 19). Assim, no processo de construção da pesquisa bibliográfica, a leitura é imprescindível, pois a leitura torna-se um instrumento de coletas de dados. Mas essa leitura deve ser feita considerando que a elaboração do trabalho científico pressupõe que o pesquisador faça uma leitura visando um estudo analítico das literaturas selecionadas, para conhecer, compreender e interpretar as informações obtidas sobre a temática em estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRIA

O linguista Ferdinand Saussure propõe como objeto de estudo da Linguística os fatos da linguagem, mas especificamente, a língua, que este considera como um sistema de signos linguísticos. A linguagem “é um método puramente humano e não-instintivo de comunicação de ideias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos voluntariamente produzidos” (SAPIR, 2013, p. 14). Neste caso, o sistema de signos é a língua, que é explicada em sua teoria por meio de dicotomias, língua e fala, significado e significante, sintagma e paradigma, sincronia e diacronia, relações e diferenças.

Para ele a língua (*langue*) se manifesta na fala (*parole*), esta, por sua vez, é a manifestação da língua, ou seja, a segunda não existe sem a primeira. Mas o que é a língua? “A língua [...] é o produto que o indivíduo registra passivamente [...] a fala é ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 2012, p. 45). Saussure descreve a língua como um objeto social, coletivo, independente do indivíduo, homogêneo, abstrato e psíquico formada por entidades concretas que são os signos linguísticos.

O signo linguístico é a união de duas faces, é “[...] a combinação do conceito e da imagem acústica [...] Propomo-nos a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*” (SAUSSURE, 2012, p. 107). O valor desses signos linguísticos depende de suas relações paradigmáticas e sintagmáticas, isto é, da sua função dentro de uma sentença. Os paradigmas são as possibilidades de escolhas, as opções disponíveis, já os sintagmas são o resultado, o produto, a manifestação das escolhas do indivíduo.

A identidade do signo linguístico é dado pela relação de um termo com o outro que o precede ou o segue, ou ambos. Um termo só existe porque se relaciona com outros termos, todo elemento se relaciona com outros signos linguísticos, pois tudo na língua é diferença e oposição. Sabemos o valor do signo porque este se opõe, se diferencia de outro signo. De forma mais clara, o valor do signo se dá por meio de relações lineares que um signo estabelece com outro na sentença ou por meio de relações associativas que formam grupos que tem algo em comum.

Partindo disso, do estabelecimento da língua como objeto de estudo da Linguística, Saussure propõe estudar a língua pelo método sincrônico, diferente do método diacrônico utilizado pelos linguistas até o século XIX, que se estudava a língua no decorrer do tempo/história, a Linguística Evolutiva, o método sincrônico estudava a língua no seu estado atual, a Linguística Estática. Nesse sentido, “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático a nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado da língua e uma fase de evolução” (SAUSSURE, 2012, p. 123).

Nesse sentido, Saussure inaugurou a Linguística moderna, “[...] entendendo por linguística moderna os estudos sincrônicos praticados intensamente durante o século XX [...] Suas concepções deram as condições efetivas para se construir uma ciência sincrônica da linguagem” (MUSSALIM E BENTES, 2011, p. 27-28). Com isso, os estudos da língua propostos por Saussure, partindo do valor do signo que é dado pela diferença e oposição, as próprias dicotomias saussurianas são exemplos disso, pois não se pode compreender o funcionamento de uma sem entender a outra, a língua é um sistema estruturado de signos linguísticos no qual tudo se liga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na mesma tendência de Saussure, Hjelmslev compreende a língua como o conjunto de signos que unem conteúdo e expressão (significado e significante), uma palavra é composta de outros signos. Benveniste também remonta conceitos saussurianos ao falar sobre as relações sintagmáticas e

paradigmáticas nos níveis de análise linguística, bem como Hjelmslev trazendo a noção de cadeia e categoria, definições que já foram exploradas nos estudos de Saussure.

Os estudos saussurianos influenciaram outras escolas e outros linguistas, tornando-se um traço fundamental da Linguística Estrutural, por exemplo, e também do Formalismo, Funcionalismo, Gerativismo e da Sociolinguística. Nos quais tem-se esses linguistas, Benveniste e Hjelmslev, e também, Chomsky, Jakobson e Labov, dentre outros, que a partir das dicotomias apresentadas por Saussure inauguraram novas correntes e disciplinas que estudam aspectos da Linguística, como a fonologia, lexicologia, morfologia, sintaxe e semântica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2011.
- SAPIR, E. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E AS VARIÁVEIS SOCIAIS SOB A ÓTICA DA SOCIOLINGUÍSTICA

SILVA, Jaircleisson²⁸
CARVALHO, Luís²⁹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo elucidar questões básicas acerca do surgimento da Sociolinguística atrelado aos conceitos de “variáveis” e “variantes”. Tendo por base a pesquisa bibliográfica, buscamos reunir obras de teóricos que tratam desta temática, sobretudo, aqueles já consagrados pelo pioneirismo nesse tipo de abordagem a linguística voltada para os estudos da língua e sua relação com a sociedade que a utiliza. No estudo destacamos Alkerm (2001), Calvet (2002) e Pietroforte (2012).

Palavras-chave: Língua. Sociedade. Pioneirismo. Linguística. Sociolinguística.

INTRODUÇÃO

A sincronia das línguas, instaurada por Saussure, trouxe inúmeros resultados para a Linguística moderna. No entanto, o seu recorte epistemológico deixou de lado questões que somente o estudo da língua voltado ao perfil social de seus falantes, ou seja a sociedade poderia responder.

²⁸ 3º ano de licenciatura em Letras (CESP-UEA): jaircleisson1@gmail.com

²⁹ Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (UEA): luis243mendes@bol.com

Sociedade e língua sempre mantiveram uma relação intrínseca. Esta concepção não passou despercebida por alguns estudiosos da língua como Coseriu e Labov. Assim nasce a Sociolinguística em um contexto no qual os estudos sincrônicos predominavam. Desta nova forma de estudar a língua, surgiram termos como “variáveis” e “variantes”. O primeiro é conjunto das diversas formas de se dizer o mesmo objeto ou signo linguístico; o segundo consiste nas formas nascidas a partir do próprio fenômeno variável. É, sobretudo, nas variáveis linguísticas e variáveis sociais que encontraremos esta relação entre língua e sociedade de maneira mais específica.

METODOLOGIA

A Metodologia utilizada neste trabalho é do tipo bibliográfica. Sendo esta feita “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (FONSECA, 2002, p. 32). Desta forma, o trabalho é uma proposta analítica que tem por base o capítulo “As variáveis linguísticas e as variáveis sociais” do livro intitulado *Sociolinguística: uma introdução crítica*, de Calvet (2002), além de outros trabalhos desenvolvidos nessa área, divulgados em livros e artigos científicos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A abordagem sincrônica de Saussure para com a língua baseava-se na existência de um sistema de signos linguísticos que teriam entre si uma de relação de diferença e oposição. No entanto, essa visão sincrônica seria mais tarde contestada por estudiosos como Coseriu, para o qual o conceito de sistema funcional coincide com o conceito de língua de Saussure.

Entretanto, Coseriu via a língua como um sistema articulado com suas normas, ou seja, com suas variantes linguísticas. Desta forma, “o conceito de língua, para Coseriu, abrange o sistema, que é do domínio de todos os falantes de uma mesma língua, e as normas, que, como variantes desse sistema, são do domínio de grupos sociais, regionais, etc.” (PIETROFORTE, 2012, p. 92).

Da necessidade de se estabelecer uma subárea da Linguística voltada para a sociedade que nasce a Sociolinguística “marcada por uma origem interdisciplinar. É oportuno assinalar que o estabelecimento da Sociolinguística, em 1964, é precedido pela atuação de vários pesquisadores, que buscavam articular a linguagem com aspectos de ordem social e cultural” (ALKMIM, 2001, p. 29-30). Nesta perspectiva, a dicotomia língua-fala de Saussure e os conceitos de competência e performance de Chomsky viriam a ser questionados no âmbito da nova visão da Linguística:

[...] Nesse sentido, qualquer tentativa de buscar apreender apenas o invariável, o sistema subjacente - se valer de oposições

como “língua e fala”, ou competência e performance - significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico. O aspecto formal e estruturado do fenômeno linguístico é apenas parte do fenômeno total (ALKMIM, 2004, p.33).

Mais tarde Brith (*apud* ALKMIM, 2004, p. 28) afirmaria que o objetivo da Sociolinguística é “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social”. Com isso, buscou-se relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade. Assim, as correlações entre as variáveis linguísticas e as variáveis sociais passaram a ser vistas como resultado de um mesmo processo.

Neste contexto surgem os conceitos de “variável” e “variante” entendidas por Calvet (2002, p.90) retrospectivamente como o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo) e cada uma das formas de realizar a mesma coisa. Resumidamente, podemos afirmar que as variáveis estão intimamente ligadas ao fenômeno da variação e as variantes representam as formas que elas assumem após esse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as línguas comportam em seu sistema um conjunto diverso de variantes que surgem a partir do fenômeno da variação. Sem este fenômeno, a línguas seriam estáticas e desvencilhadas da comunidade linguística que a regem. Neste breve estudo, demonstramos o lado social ao qual a Linguística teve de aderir como parte de seu objeto de estudos. Uma vez definido o objeto, teve-se de adequar os instrumentos e os métodos de análise para deslocar o foco da língua por ela mesma para a língua vista sob a ótica de sua relação intrínseca com o contexto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIN, T. A. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez: 2004, pg. 21-47.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. M. Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002, pg. 89-122.
- FONSECA, J.J.S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza, (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2013.
- PIETROFORTE, Antonio. “A língua como objeto da Linguística” In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Linguística*. São Paulo: Contexto, 2012.
-

PECUALIARIDADES DA SINTAXE EM LIBRAS

CASTRO, Lukas Fonseca³⁰

CASTRO, Franklin Roosevelt Martins de³¹

RESUMO: *Este trabalho tem como objetivo identificar dentro da sintaxe da Língua Brasileira de Sinais fenômenos sintáticos próprios desta língua, que a diferem, deste modo, da sintaxe dos falantes não surdos. A omissão de preposição em sentenças é uma característica da Libras e confecciona deste modo particularidades que são passíveis de análise sintática para esclarecimento. Ressalta-se a importância desta investigação, pois contribuir-se-á para possíveis investigações posteriores dentro desta língua.*

Palavras-chave: *Sintaxe. Libras. Língua. Peculiaridades. Fenômenos.*

INTRODUÇÃO

A língua Brasileira de Sinais tem sido abordada em inúmeros aspectos. Deste modo, evidencia-se a riqueza de lacunas a serem exploradas dentro deste campo de códigos gestuais linguísticos. Em contrapartida, a partir desta investigação analítica da sintaxe da Libras, propõe-se a esclarecer fenômenos peculiares à língua surda e, da mesma forma, identificar aspectos que se veem em outras línguas.

METODOLOGIA

A investigação é de cunho bibliográfico e se deu a partir da seleção de material realizado em pesquisas anteriores, e obras consultadas de teóricos que dissertaram sobre o assunto. Os dados coletados foram contrastados com os teóricos, seguidos das considerações finais e constatações a que esta pesquisa se propôs.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como forma de conclusão da sintaxe em libras (MIRANDA, 2014, p. 22) faz a seguinte afirmação:

Os principais aspectos linguísticos da sintaxe de libras, conforme Stumppf (2005 pg.25) são: exploração do uso do espaço (organização de objetos e referentes e não presentes); uso da 23 marcação de concordância; uso dos elementos necessários para marcação de concordância com verbos sem concordância (auxiliar, ordem linear, topicalização e foco).

Há em libras, assim como na ASL, dois fundamentais tipos de verbos que são chamados de direcionais e não-direcionais.

³⁰ 3º ano de licenciatura em Letras (CESP-UEA): fon.lcnove@gmail.com

³¹ Mestrado em Filosofia (UFC); doutorado em andamento em Linguística (UNICAMP): fkroosevelt@hotmail.com.

A marca de concordância é verificada na ação do sujeito que reflete no objeto:

Ex: eu te aviso. Você me avisa.

A ação começou no sujeito EU que vai avisar algo a alguém. Da mesma forma que a pessoa que será avisada pode expressar “você me avisa”.

Eles são utilizados no modo infinitivo, não precisam necessariamente de um objeto para completar a ação.

Ex: Eu entendo – Eu entender

Eu ando – Eu andar

A topicalização na língua brasileira de sinais se dá de maneira que a ordem da sentença resulte em OSV, ou seja, objeto, sujeito e verbo. De acordo com Leite (2008), “os sujeitos e os objetos poderiam ser omitidos da oração principal quando já se mostrassem proeminentes no discurso precedente”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática a que nos propomos proporciona encontrarmos dentro da língua brasileira de sinais inúmeros fenômenos, que por horas, se evidenciam instantaneamente, e por horas, necessitam de uma análise minuciosa para que possam ser compreendidas. Portanto, a Libras é uma língua com uma sintaxe própria, o que resulta em uma gramática peculiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MIRANDA, V. J. P. *Voz passiva em Libras? Ou outras estratégias de topicalização?* Brasília: UNB, 2014 (dissert. Policop.)
- QUADROS, R.M. de KARNOPP, L.B. *Língua de Sinais brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ESTUDOS DE SATERÉ- MAWÉ

LÍNGUA SATERÉ-MAWÉ EM AÇÃO: FORTALECIMENTO DE LÍNGUA AUTÓCTONE EM PARINTINS/AM

CARVALHO, Luis Alberto Mendes de³²

RESUMO: *O presente trabalho será realizado por meio de ações que favoreçam o fortalecimento de língua autóctone, em sua modalidade escrita, cujo objetivo central é a realização de um levantamento de itens lexicais, os quais serão devidamente analisados e deverão integrar a composição de um minidicionário bilíngüe Sateré-Mawé/Português. Esse*

³² Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (UEA); Professor Assistente (CESP-UEA): luis243mendes@gmail.com

produto poderá ser utilizado como material paradidático no ensino dessa língua em comunidades indígenas da etnia ou mesmo da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Sateré-Mawé. Língua Autóctone. Fortalecimento.

INTRODUÇÃO

Eleito pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura como o Ano Internacional das Línguas Indígenas, 2019, é propício ao encaminhamento de propostas de lutas em todas as esferas educacionais para o fortalecimento, revitalização e promoção das línguas nativas por todo o mundo. Assim sendo, o projeto aqui descrito será desenvolvido em parceria com uma escola da rede pública de ensino, da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino – SEDUC e Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Nossa proposta é que as atividades sejam desenvolvidas por dois anos letivos (2019 – 2021) a fim de que se cumpram as metas traçadas inicialmente.

A primeira ação deste trabalho é decorrente de observação realizada em sala de aula de 8º ano do ensino fundamental, em uma escola da rede pública de Parintins, local onde foi detectado um percentual significativo de estudantes pertencentes à reminiscência da etnia Sateré-Mawé. Os quais se encontram em ritmo de perda da identidade cultural e linguística, talvez como consequência das políticas de colonização implantadas há séculos neste país.

Por essa razão estudantes indígenas, oriundos das várias etnias, que adentram a escola pública em Parintins/AM, raramente fazem uso de seu idioma nativo nesse contexto urbano, como é o caso dos que tem Sateré-Mawé como língua materna.

Desse modo objetiva-se promover o processo de fortalecimento da língua nativa Sateré-Mawé em Parintins/AM; estudar para se compreender as noções básicas de fortalecimento de língua autóctone na contemporaneidade; divulgar em uma escola da rede estadual a importância do fortalecimento de uma língua autóctone, sobretudo para estudantes da etnia Sateré-Mawé; oportunizar a divulgação da língua Sateré-Mawé em meios de comunicação científica e, finalmente, elaborar um minidicionário bilíngue Sateré-Mawé/Português;

METODOLOGIA

O percurso metodológico será realizado por meio de levantamento bibliográfico a respeito de fortalecimento de línguas autóctones no Brasil; em seguida por meio de parceria com escola pública para se ter acesso a estudantes oriundos das reminiscências indígena em questão; levantamento do vocabulário por eles utilizados em língua Sateré-Mawé; composição de um minidicionário bilíngue Sateré-Mawé/Português, o qual poderá ser utilizado

como material paradidático e como uma medida de fortalecimento da língua Sateré-Mawé.

Os caminhos a serem traçados e procedimentos neles a serem adotados podem ser assim descritos: estudo de caso, levantamento bibliográfico, levantamento lexical em língua Sateré-Mawé, composição do minidicionário bilíngue. A técnica a ser utilizada para a coleta de dados será observação direta intensiva, anotações, relatórios e a observação participante (MARCONI & LAKATOS, 2010).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

O domínio exercido sobre as populações indígenas que sobrevivem em contextos urbanos, em nossa região, é visível e extenso. Conseqüentemente, sentimos o reflexo no apagamento das identidades linguísticas e culturais dos povos que resistem através da utilização de línguas autóctones.

Nesta proposta de trabalho buscamos viabilizar o processo de divulgação e reafirmação da língua nativa Sateré-Mawé, pelo período de dois anos letivos, a partir de um ambiente escolar estadual em Parintins/AM. Levantando termos lexicais de estudantes indígenas dessa etnia, matriculados regularmente em uma determinada escola da rede estadual, os quais para cumprirem as exigências da instituição escolar, utilizam a Língua Portuguesa.

Nesse norte, Nascimento (2010), contribui ensinando que “é fato inquestionável que a relação histórica dos povos indígenas com as sociedades não-indígenas, no território que convencionou-se chamar Brasil, é geradora dos usos de práticas comunicativas em língua portuguesa”, porém essa prática finda por apagar a língua materna desses sujeitos, na tentativa de melhorar a comunicação em decorrência de que se considera a língua como um instrumento que a cada dia “se torna o meio do qual uma estrutura hierárquica de poder é perpetuada e o meio pelo qual as concepções de ‘verdade’, ‘ordem’ e ‘realidade’ se estabelecem” (NASCIMENTO, 2010). Muito embora, a comunicação, como resultante da atividade discursiva que a envolve está em constante e contínua relação de uns para com o outro, ou seja, a interação. Ainda que, em sua linearidade, isso não se explicita.

Razão pela qual se deva rejeitar que o ensino tenha como objetivo central apenas formar usuários competentes, criativos e habilidosos, porém excludentes ou que adquiram preconceito em relação à própria língua materna. Concordamos que apenas professores qualificados poderiam suprir essa demanda. Pois, é fácil percebermos que a teoria apenas não é suficiente para o ensino, tanto como a qualificação docente, mas para formar e transmitir os valores essenciais do processo da comunicação, por meio da multiplicidade de

línguas, exige um comprometimento especial do profissional da docência (HENRIQUES, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho acima apresentado encontra-se em fase de implementação no ambiente escolar para o qual foi planejado, firmando-se as parcerias necessárias e buscando-se os sujeitos aptos a contribuir com o levantamento de dados. Por este motivo, nos parágrafos antecedentes foram expostos apenas objetivos, metodologia e referências teóricas, pelo que se opta em concluir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 2001.
- FERREIRA, Marília Nazaré. *A educação escolar indígena entre os sateré-mawé: o paradoxo do resgate e da preservação cultural no contexto da modernidade*. São Paulo: Alfa, 2012.
- HENRIQUES, Ricardo *et al.* *Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena resignificando a escola*. Brasília, 2007.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Os atos de linguagem no discurso*. Trad. Fernando Almeida. Niterói: EdUFF, 2005.
- NASCIMENTO, André Marques do. *Contextualizando o ensino de português: lições de um professor indígena*. Goiânia: UFG, 2010.
- MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2010.
- QUARESMA, Francinete de Jesus Pantoja. “Os povos indígenas e a educação” *Revista Práticas de Linguagem 2* (2013).

AITÓ – EDUCAÇÃO BILÍNGUE SATERÉ-MAWÉ/PORTUGUÊS

MIQUILES, Miller³³

CASTRO, Franklin Roosevelt Martins de³⁴

RESUMO: O objetivo deste trabalho é refletir a respeito da educação bilíngue Sateré-Mawé/ Português. A relevância desta discussão está inserida no contexto de diversidade linguística e multiculturalismo no Baixo Amazonas. Deste modo, realiza-se uma discussão teórica sobre a importância da educação bilíngue a partir de uma revisão bibliográfica da área.

Palavras-chave: educação bilíngue. Multiculturalismo. Sateré-Mawé. Português.

INTRODUÇÃO

AITO é um pronome pessoal da Língua Sateré Mawé que significa em português “Nós”. Neste sentido este projeto de extensão é uma ação

³³ 3º ano de licenciatura em Letras (CESP-UEA): miller.miquiles12@gmail.com

³⁴ Mestrado em Filosofia (UFC); doutorado em andamento em Linguística (UNICAMP): fknoosevelt@hotmail.com

conjunta entre os povos e as culturas que constituem o Baixo Amazonas. Nós, indígenas, brancos, mulheres, crianças e jovens somos uma única família a conviver com as diferenças e diversidades. O espírito de fraternidade, respeito e colaboração além de serem valores humanos são uma prática norteadora de superação de uma sociedade injusta, desigual e preconceituosa.

Diversas pesquisas sobre o perfil sociolinguístico dos indígenas Sateré Mawé já apontaram a necessidade de revitalização da língua indígena nos espaços urbanos da Amazônia, em que há contato com a Língua Portuguesa. Muitos jovens em idade escolar apresentam dificuldades na leitura e na escrita em Língua Portuguesa; fato que os leva a um baixo rendimento escolar e desistência da trajetória acadêmica. Uma vez que a Sociolinguística busca superar a visão etnocêntrica de língua, cultura e sociedade, este projeto de extensão também valoriza os saberes culturais e linguísticos da etnia Sateré Mawé, através do ensino comparado entre as duas línguas.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é refletir a respeito da educação bilíngue Sateré-Mawé/ Português. Para este propósito faz-se uma revisão bibliográfica sobre o tema em questão, a fim de situar a relevância e as estratégias para uma educação bilíngue no Baixo Amazonas.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho se fundamenta na pesquisa bibliográfica e na análise do discurso, uma vez que se investigou as reflexões conceituais sobre o bilinguismo e as realidades multiculturais, tais como ocorrem na cidade de Parintins, em que há a presença de indígenas sateré-mawé em contexto urbano.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRIA

Em Parintins a situação de multilinguismo (SEMPRINI, 1999) e hibridismo cultural (CANCLINI, 2013) é um fato empírico observável pelo senso comum, uma vez que a cidade de Parintins se constitui como uma área de fronteira cultural no meio da floresta amazônica, pois em seu entorno estão duas grandes etnias do Baixo-Amazonas, os Sateré-Mawé e os Hixkaryanas. As populações destas etnias se deslocam de suas comunidades para os espaços urbanos constituindo uma miscigenação cultural que impulsiona novos modos de se perceber como indígena e favorece o surgimento de discursos preconceituosos e excludentes face às alteridades indígenas.

Desse modo, as cidades deixam de ser espaço exclusivo da cultura branca e se tornam territórios de pluralidade cultural e diversidade linguística quando em zonas de fronteira com as etnias indígenas. No espaço urbano híbrido, os atos de fala, outrora, peculiares ao território das aldeias entram em contato com diferentes práticas linguísticas da cultura dos brancos urbanos, refazendo-se e reestruturando-se em novos gêneros discursivos que podem ser

narrados, compreendidos e analisados como jogos de linguagem nas comunidades de práticas linguísticas constituindo identidades linguísticas em devir.

Os estudos sobre a relação entre língua e sociedade trazem a contribuição na descrição e análise das comunidades de fala através da abordagem Sociolinguística inaugurada com as pesquisas de Labov (2008) que reconheceu a influência dos fatores extralinguísticos na identidade linguística de uma comunidade (CALVET, 2012). Desse modo, compreende-se a língua a partir das suas situações reais de uso, levando em consideração aspectos como a etnia, a classe social, a faixa etária, a escolaridade e os espaços geográficos (LABOV, 2008). A pesquisa em Sociolinguística verificou que uma língua possui variações conforme a identidade da comunidade falante. Questões como falar “certo ou errado” são postas em questionamento, uma vez que os estilos de comunicação dos falantes que podem variar em formal/monitorado a um estilo informal/espontâneo e menos monitorado em relação à variante padrão (TARALLO, 1994).

Tais questões se complexificam no território brasileiro por se constituir historicamente por uma dinâmica e disputas de línguas em contato (MELLO et al, 2011), inicialmente entre a língua dos colonizadores portugueses e a língua dos povos nativos; e mais tarde pelo encontro da língua oficial brasileira com as línguas dos imigrantes do século XX. Língua e poder se entrelaçam, e a linguagem passa a ser uma moeda de troca simbólica entre as camadas sociais. De certo modo, os indivíduos são reconhecidos e estigmatizados conforme a comunidade de fala a qual pertencem, podendo ser valorizados positivamente ou sofrer preconceito e discriminação.

Ao propormos a dialética entre língua e sociedade no contexto de índios urbanos superamos a visão fragmentada de indivíduo, compreendendo-o em uma perspectiva híbrida e clivada, enquanto falantes que possuem uma identidade linguística e cultural heterogênea por estarem em uma situação de línguas de contato (MELLO e RASO, 2011).

Até final do século XIX as populações dos centros urbanos da Amazônia ainda falavam a Língua Geral ou Nhengatu, língua falada pelos indígenas aldeados, mestiços e caboclos (FREIRE, 2003). No entanto, com o processo de independência do Brasil e adesão do Grão-Pará à Independência do Brasil em 1823 criou-se o mito da homogeneidade linguística e o esquecimento das línguas faladas pelos povos tradicionais (IDEM, 2003). Sob esta constatação a Língua Portuguesa se legitimou como a língua padrão e oficial do país, mecanismo e recurso obrigatório para aqueles que desejam ter acesso aos bens de consumo e exercer plenamente sua nacionalidade de brasileiros. Portanto, a Língua Portuguesa está inserida em um contexto de

políticas da norma e conflitos linguísticos (XÓAN e BAGNO, 2011). Daí a necessidade de mapear e compreender as diversas comunidades de fala em situação de contato linguístico no Brasil, explicitando seus aspectos socioculturais, étnicos e históricos. Portanto, desenvolver a educação bilíngue em contexto de multiculturalismo promove a problematização de métodos tradicionais, em que os objetos de pesquisa são purificados e abstraídos de toda hibridização; além de possibilitar aos atores um tempo-espço de autorreflexão e empoderamento sociodiscursivo.

Nas palavras de Willian Bright apud Calvet, “[...] uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (2002, p. 29). É neste sentido, que estudar a língua é descrever uma comunidade real de falantes, que possuem códigos, variedades de códigos, relações dos falantes com esses códigos e situações de comunicação. “A tarefa do linguista é, portanto descrever cada um desses elementos, bem como suas múltiplas relações [...]” (CALVET, 2002, p. 121).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação bilíngue, portanto, é um desafio no atual contexto social, histórico e cultural no Brasil, pois as condições de exploração e discriminação aos povos indígenas torna a língua e a cultura indígena um índice de inferiorização e preconceito. Ao partir de uma revisão bibliográfica que percebe os povos indígenas em seu protagonismo e riqueza cultural, a relação entre as línguas indígenas e o português pode ser ressignificada. A universidade em suas ações de ensino, pesquisa e extensão podem trazer contribuições concretas e transformadoras na relação entre línguas, sociedade e cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANCLINI, G. N. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloisa Pezza Cintrão et alli. São Paulo: Ed. USP, 2013.
- CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- FREIRE, Ribamar Bessa. “Língua Geral Amazônica: a história de um esquecimento” in *Colóquio sobre as Línguas Gerais: política linguística e catequese na América do Sul no período colonial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- LABOV, Willian. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MELLO, Heliana, ALTENHOFEN, Cléo V., RASO, Tommaso (orgs). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- SEMPRINI, A. *Multiculturalismo*. Trad. Laureano Pelegrin. Bauru: EDUSC, 1999.
- XÓAN, L. & BAGNO. M. (orgs.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
-

BILINGUISMO: ESTUDO DE CASO DE UM ALUNO INDÍGENA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-CESP

SOUZA, Sabrina Silva de³⁵

CASTRO, Franklin Roosevelt Martins de³⁶

RESUMO: *O objetivo deste trabalho é compreender o bilinguismo de uma um aluno indígena Sateré-Mawé, estudante da Universidade do Estado do Amazonas – UEA do Curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP. Uson-se o estudo de caso como metodologia. Os resultados apontam que acadêmico indígena é um indivíduo bilíngue que apresenta dificuldade com o uso da Língua Portuguesa em situações formais / acadêmicas.*

Palavras-chave: *Bilinguismo. Bilinguidade. Indígenas em contextos urbanos. Indígenas em contexto universitário.*

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir da convivência em sala de aula colegas falantes de língua indígena que apresentavam dificuldades para trabalhar o bilinguismo e bilinguidade, tanto na escrita como na fala em relação à língua Portuguesa. As questões se intensificaram no estágio acadêmico no CESP-UEA, quando foram encontradas inúmeras situações que despertaram a atenção, as quais estimularam o interesse de buscar aprofundamento no ramo da linguística sobre a Etnia Sateré - Mawé.

Como embasamentos teóricos foram utilizadas as concepções de Calvet (2002), que trata sobre os enunciados de fala de um ser bilíngue que é aquele que nasce em uma comunidade, que utiliza determinada língua e acaba tendo contato com outra, possuindo duas línguas, tais como a sua língua familiar, considerada primeira língua ou materna. Por conseguinte, a outra é quando o indivíduo se depara com outra língua, chamada de estrangeira ou adquirida, considerada segunda língua, aprendendo-a, também, sobre bilinguismo/bilinguidade que são as fases do bilinguismo.

Dialogamos com Coracini (2003) que discorre sobre identidade e o discurso dos indivíduos; Henrique (2016) que apresenta a questão intercultural e o ensino das Línguas; Estácio (2014) que melhorou a concepção em relação aos indígenas dentro da Universidade; e Martucci (2001) que trata a respeito dos métodos para a realização de um estudo de caso etnográfico, dentre outros que falam sobre a cultura Sateré-Mawé, indígenas em contextos

³⁵ 4º ano de licenciatura em Letras (CESP-UEA)

³⁶ Mestrado em Filosofia (UFC); doutorado em andamento em Linguística (UNICAMP): fkroosevelt@hotmail.com

urbanos, atos de fala e vários conceitos do ramo da linguística que foram fundamentais para dar suporte à realização das análises de dados.

A pesquisa consistiu em compreender o processo de bilinguismo de um aluno indígena Sateré-Mawé estudante na Universidade do Estado do Amazonas-CESP, observando como o aluno se integra dentro da instituição de Ensino Superior em relação ao seu bilinguismo, e quais são as possíveis dificuldades com a Língua Portuguesa, como reprovações nas disciplinas de literatura e apresentações de seminário, bem como de sua influência dentro de sala de aula.

METODOLOGIA

Por sua vez, para a realização da coleta de dados foi utilizado o método de abordagem Estudo de Caso Etnográfico, que buscou esclarecer o que ainda está indefinido, não controlando determinados fatores mais os identificando “como e por quê?”. Como ponderam Martucci (2001) e Albuquerque (2016 p. 425), a observação participante permite que o pesquisador possua contato direto ou pessoal para com o objeto de estudo, descrevendo, detalhadamente, os fatos do dia-a-dia, chamando assim de caso etnográfico.

A realização da coleta de dados se deu mediante um acompanhamento diário observacional durante dezoito meses, que foi iniciado no dia 03 do mês de julho do ano de 2017 a 02 de novembro de 2018, no seu percurso dentro e fora da unidade acadêmica, por meio de entrevista assistemática sobre a vida do indígena pesquisado, referente ao seu processo de aprendizagem da segunda língua, o seu posicionamento e as suas dificuldades.

O Sujeito da pesquisa é um acadêmico indígena da etnia Sateré-Mawé, com a idade de vinte e sete anos, natural da comunidade indígena Umirituba localizada na área indígena nas proximidades do Município de Barrerinha/AM, integrado no curso de Licenciatura em Letras no município de Parintins/AM, estudante do 5º período no CESP/UEA.

ANÁLISE DE DADOS

O termo bilinguismo possui inúmeras definições, mas com o mesmo sentido que visa falar que um indivíduo possui a competência de pronunciar e aprender outra língua seja ela ao mesmo tempo ou não. Albuquerque (2016, p. 347) pondera que, “a ideia de bilinguismo também reflete tanto às características do indivíduo (graus variados de competência e diferentes modo de fala) quanto às características sociológicas do contexto (local, participantes, situação, tópico e a função da interação)”.

Partimos do pressuposto de que o bilinguismo possui inúmeras definições e etapas dos atos de enunciados da fala de um indivíduo. Assim, a

bilinguidade se dá nas fases do bilinguismo, ou seja, o contexto em que o falante está expressando individualmente os atos bilíngues na sua trajetória de vida, pois esta bilinguidade também ocorrer devido ao seu meio cultural.

Ao se investigar estes dois conceitos inter-relacionados, o bilinguismo e a bilinguidade; os dados coletados e analisados foram divididos em alguns tópicos de discussão: O estudante Indígena no CESP: uma narrativa reflexiva; O aluno indígena em sala de aula; As ações do indígena sujeito da pesquisa; Aulas do curso de língua Sateré Mawé-“AITO- Educação bilíngue”, ministrada pelo indígena sujeito da pesquisa; Cultura Sateré Mawé é estudo de caso. Assim foram realizadas algumas perguntas ao aluno em questão.

Entre as diversas pergunta realizadas ao aluno indígena, dá-se o exemplo: Qual a influência da sua família no seu aprendizado? O aluno respondeu: “*Não cresci junto mãe, vivi com avó, aprendi duas línguas mesmo tempo, Sateré e português*”. Em sua fala o indígena refletiu sobre como seus familiares o ajudaram, mas observa-se que o aluno cresceu apenas com a sua avó na comunidade Umirituba e deparou-se com uma variação Linguística. Assim, entende-se que ao aprender as duas Línguas (Sateré-Mawé e Língua Portuguesa) no mesmo grau de tempo adquiriu influências de ambas em sua interação comunicativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou evidente essa problemática da língua Sateré-Mawé, porque são poucos os profissionais falantes desta língua aptos a atender as necessidades vivenciadas por inúmeros alunos Indígenas. Por isto a escolha deste tema e o objeto deste estudo, pois se trata de um contributo para a sociedade indígena no âmbito universitário, por não apresentar um aparato social e de inclusão dos alunos indígenas Sateré-Mawé que necessitam de complementos e métodos, que procedam melhor desenvoltura no seu dia-a-dia dentro de uma sala de aula em relação ao seu bilinguismo/bilinguidade

Por fim, a possível solução poderá ser dada com a implantação de recursos adequados e auxiliares interprete/monitores, professores, todos bilíngues, procurando ainda combater os preconceitos linguísticos, com mais interação social, inclusão de fato, projetos de incentivos a pesquisas sobre os indígenas na Universidade, para haver melhorias efetivas como as que foram sugeridas no contexto deste estudo de caso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. *Ensino de Línguas numa perspectiva intercultural*. Campinas: Pontes Editores, 2016.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2011.

- BORTONI, Ricardo. STELLA Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CALVET, Louis- Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcilino. São Paulo: Parábola, 2002.
- CASTRO, Franklin; CASTRO, José Valdir. “A identidade linguística dos povos indígenas do Baixo-Amazonas: um estudo de caso dos estudantes da Universidade do Estado do Amazonas-Brasil”. *Periferias, Fronteiras y Diálogos*. (2014). Disponível em: <http://www.fundacio.urv.cat/congress-antropologia/>
- CORACINI, Maria José. *Identidade e Discurso: (dês) construindo subjetividades*. Campinas, Chapecó: UNICAMP, Argos Ed. Universitária, 2003.
- ESTÁCIO, Marcos André Ferreira. *As quotas para indígenas na Universidade do Estado do Amazonas*. Manaus: Educa, 2014.
- MARTUCCI; Elisabeth Márcia. “Estudo de caso etnográfico” *Revista de Biblioteconomia de Brasília* 2 (2001) p.167-180.
- MESQUITA, Rodrigo. “Índigenas em contexto urbano, conflitos socioculturais e linguísticos: o exemplo dos Akwe-Xerente”. *Revista de Ciências Humanas* 2 (2015) p.143-162.
- MOLLICA, Maria; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2013.

ESTUDOS PARINTINENSES

A LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE UMA SOCIEDADE CONSCIENTE, NUMA TURMA DE 9º ANO, EM UMA ESCOLA NO BAIRRO DO ITAÚNA 2, NA CIDADE DE PARINTINS/AM

ABECASSIS, Ana Paula de Sousa³⁷

RIBEIRO, Jucilene Andrade³⁸

SOUZA, Leticia Tavares³⁹

COSTA, Rian Marchão⁴⁰

CARVALHO, Luis Alberto Mendes de⁴¹

RESUMO: *Este resumo evidencia um estudo referente ao incentivo à leitura possibilitando em seu processo a formação de uma sociedade mais consciente a partir dessa análise, com base em pesquisas bibliográficas, aumentando a criticidade do aluno leitor, e sua comunidade, a*

³⁷ 1º ano de licenciatura em Letras (UEA): abecassis01@gmail.com;

³⁸ 1º ano de licenciatura em Letras (UEA): jucileneribeiro99@gmail.com;

³⁹ 1º ano de licenciatura em Letras (UEA): tavares.leticia@hotmail.com;

⁴⁰ 1º ano de licenciatura em Letras (UEA): rian.costa_marchao@hotmail.com;

⁴¹ Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (UEA):

luis243mendes@bol.com

fim de sejam levantadas bandeiras culturais, ambientais e sociais, levando-os a uma indagação acerca de sua realidade, partindo de uma dimensão reflexiva entre leitura e seu cotidiano.

Palavras-chave: Incentivo. Leitura. Formação. Consciente. Criticidade.

INTRODUÇÃO

Com a preocupação de fomentar o interesse de estudantes pela prática de leitura, docentes buscam, embasados em textos de cunho social, aproximá-los de suas realidades, utilizando-as como objeto de conscientização coletiva, levando-os a uma compreensão de onde vivem, evidenciando seus direitos e deveres. O que norteia essa atividade deve ser a possibilidade de promover melhorias na condição de vida, no que se refere a saúde, moradia, educação, segurança, lazer, cultura, mobilizando lutas através do conhecimento, viabilizando o interesse dos mesmos, transformando-os, por fim, num cidadão crítico e responsável. Desta forma, o professor trabalha para fazer com que os estudantes se envolvam com o ato de leitura reflexiva a fim de transformá-los em componentes de uma sociedade formada por leitores conscientes.

METODOLOGIA

Usaremos o método de natureza qualitativa, avaliando especificamente os pontos de vista dos alunos para compreender os seus comportamentos em relação ao retorno à comunidade, esclarecendo suas dúvidas e a ajudá-los a (re)formular suas opiniões. Para os procedimentos do projeto trabalharemos em uma sala de aula com 40 alunos e serão distribuídos livros que possuam temáticas relacionadas a conscientização ambiental, cultural e social entre eles. Ou seja, livros que apresentem questões éticas, legais e que possibilitem a expansão do caráter cidadão dos estudantes.

Após o contato dos estudantes com esse tipo de literatura, realizaremos atividades complementares, aplicando uma proposta de produção textual acompanhada de um questionário, como forma de mensurar o aprendizado e o novo nível de compreensão sobre os assuntos estudados.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir de ações de incentivo à prática leitora de estudantes, numa turma de 9º ano, em uma escola no bairro do Itaúna 2, na cidade de Parintins/AM, ampliaremos a consciência de seus deveres e direitos para com comunidade em que residem, a fim de que reflitam quanto às questões sociais e políticas.

A prática de incentivar estudantes à leitura e estudar a língua portuguesa é importante para lhe diminuir as dificuldades futuras por ocasião do ingresso ao ensino superior, pois terão uma base de formação acadêmica

mais consistente o que evitaria possíveis problemas com o manuseio de informações veiculadas nas disciplinas pois teriam uma visão ampla e crítica sobre vários assuntos, sociais, políticos sociais etc.

[...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores não é apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade. (GROSSI,2008, p.03)

A apresentação de vários tipos de textos em seus gêneros textuais é de grande ajuda para que os discentes ampliem questões ligadas ao vocábulo e agucem o seu senso crítico sobre as variedades de assuntos de circulação social. A formação de alunos leitores torna mais fácil o amadurecimento deles em uma vida social, cultural e acadêmica. “A leitura juntamente com o hábito de ler é a principal função da escola e é isso que permite o aluno o autoconhecimento, para ser o autor da sua própria história” (SILVA & ROTHERMEL, 2013).

Assim, potencializaremos o conhecimento de direitos e deveres por meio da prática de leitura de textos reflexivos, pois, o ato de ler não é apenas uma ferramenta social na qual estudantes têm oportunidade de ampliar seu vocabulário, viajar sem sair do local de estudos, mas também de ajuda a formar um olhar crítico ao redor (visão holística), a se importarem com a sociedade na qual eles vivem e por consequências ajudar na formação integral desses indivíduos.

A leitura é o caminho necessário para entender o mundo, sem deixar de respeitar as diferenças culturais sociais e políticas do indivíduo. A formação de cidadãos não se limita a conceitos preestabelecidos que tornam inviável o ato de pensar (SILVA, 2017).

Poderíamos inferir dessa assertiva que ato de ler torna os estudantes mais conhecedores de leis, direitos e deveres sem, necessariamente, ter contato com livros de Direito etc; mas, sim com a reflexão de cada texto, o que tem em comum com os textos lidos e a vida real, a vida dos leitores. Os estudantes podem amadurecer socialmente quando procuram por conhecimento e os praticam.

Assim sendo, no projeto ora apresentado, objetivamos alcançar, por meio da prática de leitura dos estudantes, seus pais e responsáveis, sensibilizando-os quanto às responsabilidades para com a comunidade, porque, se pressupõe que estudantes com a prática de leitura podem incentivar

os pais a criarem os mesmos hábitos saldáveis de reflexão. Portanto, despertando-lhes o interesse, estudantes e familiares poderiam melhorar o modo de pensar e agir e, dessa forma, propor rupturas em práticas egoístas de se importar apenas consigo mesmo e passar a se importar com as pessoas à volta, ou seja, melhorar a comunidade em que vivem.

Volta-se para ao entendimento sobre a prática de leitura para o que necessitamos na formação cidadã de hoje. Geralmente, os estudantes, ao se posicionarem mediante suas realidades sociais poucos apontam problemas e respectivas soluções, para que contribuam no processo de formação cidadã discente, docente e comunidade em geral. Por isso, o projeto se desenvolverá utilizando a prática de leitura de textos que ajudem na melhoria da compreensão do que sejam direitos e deveres da cidadania, havendo a ampliação conhecimento, haverá intermediação de forma mais abrangente utilizando-os para instruir por meio dos alunos, a comunidade dos seus direitos e deveres.

Por esse perfil de formação, a leitura dos discentes poderá repercutir positivamente na população e para a instituição superior será importante para a formação do acadêmico de Letras, a fim de proporcionar a discussões dos processos metodológicos que estabeleçam estratégias para a aplicação de leituras com finalidades pedagógicas e de conscientização social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho acadêmico poderá ser de alta relevância para a formação do senso crítico, considerando-se que a partir da leitura pode-se (re)construir percepções sociais, possibilitando ao leitor a faculdade de (re)formular opiniões, e ficar mais atento aos fatos que o rodeiam. Logo, a leitura promovida por esta iniciativa poderá servir de baluarte para questionamentos, obtenção de conhecimento e informação diversas, orientando-o a conhecer melhor seus direitos e deveres. Conseqüentemente, nos tornaremos uma sociedade mais ágil, consciente, no caminho ético por meio de uma formação leitora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. *A importância no ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2008.
- GROSSI, Gabriel Pillar. “Leitura e sustentabilidade” *Nova Escola* 18 (2008).
- SILVA, Gerson Pindaíba da. “A importância da Leitura para a Formação Social” *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento* 2 (2017) pg. 540-549.
- SILVA, Rosilene, ROTHERMEL, Lucelia. “A importância da Leitura na Formação do Indivíduo” *Revista Nativa* 1 (2013).
- SOUZA, João Fernandes de A. “A importância da leitura” *Semana do Livro e da Biblioteca* (1984).
-

ATIVIDADES PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

CARVALHO, Renner da Silva⁴²

TAVARES, Ruth Marinho⁴³

CARDOSO, Maria Celeste de Souza⁴⁴

RESUMO: *O presente trabalho é um recorte do projeto de extensão “Gêneros textuais: oficinas de leitura e produção textual para alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental”, que visa ao desenvolvimento e à aplicação de oficinas criativas de leitura, interpretação e produção de textos, de diferentes gêneros textuais para alunos do Ensino Fundamental de duas escolas públicas de Parintins/AM. A metodologia utilizada é voltada para a escolha de textos, elaboração, planejamento e aplicação de atividades criativas que incentivem a leitura e a escrita desses alunos. Os resultados apontam para a aplicação das oficinas nas escolas e na participação efetiva dos alunos.*

Palavras-chave: *Oficinas. Leitura. Produção Textual. Gêneros Textuais.*

INTRODUÇÃO

Muitos educadores não entendem a importância da leitura para o desenvolvimento intelectual de seus alunos. E acabam não oferecendo atividades que envolvam tanto o ato de ler quanto o de escrever. Pesquisas mostram que crianças e adolescentes passam pela escola e não aprendem a ler e a escrever de maneira proficiente. Geralmente, os alunos dominam a língua materna em situações informais de interação verbal, porém, quando se exige uma certa formalidade, apresentam grandes dificuldades. Essa deficiência nesse processo implica em problemas na escrita e na leitura, aspecto que se reflete na capacidade do aluno de interpretar e produzir textos; e esse é um problema que afeta o aproveitamento em todas as disciplinas e exige por parte do professor de Língua Portuguesa, uma intervenção pedagógica voltada no processo ensino-aprendizagem para diminuir as dificuldades apresentadas pelos alunos no campo da leitura e produção textual.

Nesse contexto, este trabalho tem por objetivo expor a importância da Leitura e da Produção Textual no Ensino Fundamental, além de mostrar a grande importância de projetos que envolvam a leitura e a produção de textos no contexto escolar, como por exemplo, o projeto “Gêneros textuais: oficinas de leitura e produção textual para alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental”, o qual visa ao desenvolvimento e à aplicação de oficinas criativas de leitura, interpretação e produção de textos, de diferentes gêneros

⁴² 3º ano de licenciatura em Letras (UEA): hunter.renner.carvalho@gmail.com

⁴³ 3º ano de licenciatura em Letras (UEA): marinhoruth8@gmail.com

⁴⁴ Mestrado em Letras e Artes (UEA): celeste_cardoso23@yahoo.com.br

textuais para alunos do Ensino Fundamental de duas escolas públicas de Parintins/AM.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), enfatizam que o fracasso escolar no Ensino Fundamental reside no que se refere à leitura e à escrita. Sendo assim, torna-se necessário o uso de estratégias diferenciadas no ensino de Língua Portuguesa, para poder garantir, de fato, a efetivação dos atos de ler e escrever. Pois a leitura e a escrita são habilidades necessárias ao aluno, não apenas para seu desenvolvimento escolar, mas, principalmente, para que ele exerça satisfatoriamente sua cidadania. Freire (2009), afirma que a leitura engloba um processo que envolve a compreensão crítica do ato de ler, o qual não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas envolve a inteligência e compreensão do mundo. Ao se tratar da leitura, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998, p.69) explicitam que:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência.

Do mesmo modo, Martins (2006), diz que a leitura pressupõe transformações na visão de mundo em geral e na cultura em particular. Permite a compreensão e valorização de cada passo de aprendizagem das coisas e de cada experiência. Além disso, Marcuschi (2008), ressalta que as especificidades do texto podem ser encontradas de forma muito bem delineada: O texto é visto como um sistema de conexões entre vários elementos tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações, etc.

Portanto, para compreender como que o texto e o aluno podem ser tratados em sala de aula, precisa-se ter o conhecimento das concepções de linguagem, pois serão elas que nortearão o trabalho do professor em sala de aula.

Em relação à língua escrita, precisa-se compreender a diferença entre redação e produção de texto. “A redação é o exercício de mostrar que se sabe ortografar, que se sabe construir frases, que se sabe preencher um esquema, já a produção de texto é o estabelecimento de interlocução com um leitor”. (SOARES, 2001, p. 62). Desse modo, faz-se necessário que os alunos desenvolvam uma competência discursiva marcada por um bom domínio da

modalidade escrita e por uma visão de que a produção de um texto é um trabalho que exige a superação de jogos de palavras ou frases soltas.

Segundo os PCNs (1998), o objetivo da prática de produção de textos é o de “formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes” (PCN, 1998, p.51). Os PCNs ainda explicitam que entende-se por escritor competente aquele que planeja o seu discurso em função do seu objetivo e do objetivo do leitor a quem o texto se destina, consegue revisar e reescrever o seu próprio texto, até olhá-lo e considerá-lo satisfatório, e ainda, é aquele que sabe recorrer a outros textos quando sente necessidade para a produção do seu. Um texto é considerado coerente quando se consegue dar sentido a ele. Este sentido “é construído não só pelo produtor como também pelo receptor, que precisa deter os conhecimentos necessários a sua interpretação” (VAL, 1991, p.06).

Desenvolver projetos de leitura e produção de textos é uma estratégia que envolve tanto os acadêmicos bolsistas quanto os alunos do Ensino Fundamental e os professores. Sendo assim, o projeto intitulado “Gêneros Textuais: oficinas de Leitura e Produção Textual” foi desenvolvido em duas escolas públicas, uma no perímetro urbano e outra na zona rural do município de Parintins.

Com o projeto foram oferecidas oficinas na escola da zona rural localizada na Gleba Vila Amazônia, atendendo 04 turmas de Ensino Fundamental, sendo duas turmas de 6º ano com 25 alunos cada e duas turmas de 7º ano com 25 alunos cada, cerca de 100 alunos foram atendidos pelo projeto nessa escola. Também foram desenvolvidas atividades na escola da rede estadual, localizada na sede do município de Parintins/AM, onde foram realizadas as oficinas organizadas a partir dos gêneros textuais, aplicadas em duas turmas de 8º ano com 30 alunos cada e duas turmas de 9º ano com 30 alunos cada. Dessa forma, com o projeto atendemos nessa escola cerca de 120 alunos. As oficinas abordaram os gêneros textuais, o incentivo à leitura e a produção de textos. Os acadêmicos do curso de Letras também foram parceiros na aplicação do projeto nessas duas escolas.

Dessa forma, podemos ressaltar que atividades práticas de leitura e produção de textos levadas em forma de projetos para as escolas de Ensino Fundamental são de grande relevância para o incentivo à leitura e produção textual, além de chamar a atenção dos estudantes para a importância dessas atividades contribui efetivamente para o desenvolvimento do processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância de projetos de extensão promovem, sobretudo, a articulação entre ensino e extensão. Além de difundir o conhecimento gerado

na universidade, propiciando interação com outra instituição pública de ensino. Assim, através do projeto levamos às escolas outras oportunidades de conhecimento e de aperfeiçoamento sobre os gêneros textuais, leitura e produção de textos. Diante do que foi apresentado, ressaltamos a importância do domínio, por parte do aluno, da leitura da interpretação e da escrita. Pois sabemos que essas habilidades estão diretamente ligadas ao seu desenvolvimento escolar, não só a isso, mas à participação social, tal como, a capacidade de exercer sua cidadania de forma satisfatória, tendo conhecimento de seus direitos e deveres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2009.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SOARES, M. B. “Aprender a escrever, ensinar a escrever” in: ZACCUR, E. (org.) *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, SEPE, 2001.
- VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

O USO DOS “MEMES” NAS MÍDIAS DIGITAIS COMO PROTÓTIPO DIDÁTICO DE MULTILETRAMENTO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL EM PARINTINS/AM

SANTOS, Regiane Cunha dos [UEA]⁴⁵

RIBEIRO, Edinelza Macedo [UEA]⁴⁶

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discutir percepções e estratégias do uso dos “memes” presentes nos aparelhos celulares e nas redes sociais, como protótipo didático de multiletramento do ensino da língua portuguesa no ensino médio em Parintins/AM. É uma estratégia didático-metodológica que entende que as práticas da linguagem e a produção de sentidos são sócio-historicamente situadas (Bakhtin, 2003). A proposta apresenta-se como uma alternativa de abordar gêneros discursivos que em geral, estão ausentes da esfera escolar, podendo inclusive estabelecer diálogos entre diferentes culturas.

Palavras-chave: Multiletramento, Protótipo Didático, Memes, Gêneros discursivos

INTRODUÇÃO

⁴⁵ 3º ano de licenciatura em Letras (UEA): regysantos1274@gmail.com

⁴⁶ Professora Adjunta de metodologia do ensino de língua portuguesa (CESP) ediribeiro27@hotmail.com

Os meios de mídia digital têm crescido consideravelmente nos últimos anos em vários setores do cotidiano. É possível ter acesso ao resto do mundo em apenas alguns toques. Juntamente com o processo de globalização e avanços tecnológicos, torna-se necessário a melhoria na adaptação do uso desses meios para auxílio no ensino aprendizagem, assim também como em outras instâncias sociais. Porém, ainda se vê muita resistência por parte das instituições escolares, que de certa forma veem esses meios como algo distante de propiciar benefícios à academia de ensino.

Trabalhar nesta proposta sobre Multiletramento envolvendo as TICs é muito importante principalmente levando em consideração o aumento significativo da acessibilidade dos jovens brasileiros à internet. Os “memes” têm feito parte não somente da vida virtual dos jovens, mas também invadiram o mundo real de maneira extremamente notável. É bem comum ouvirmos bordões virais no meio social das escolas, universidades e ambientes informais. Portanto, o “meme” pode se enquadrar como um gênero textual se tornar benéfico para enriquecer o vocabulário linguístico dos alunos e aguçar seu senso crítico através do humor.

METODOLOGIA

Esta pesquisa apoia-se no método de abordagem bibliográfica com investigação no enfoque qualitativo por meio do Protótipo Didático. Este termo se refere a uma estratégia didático-metodológica que busca aperfeiçoar um modelo para ser utilizado na elaboração a materiais destinados ao ensino de determinado gênero discursivo a partir do Multiletramento por meio das TICs. Tanto para Sancho (2006) quanto para Lévy (1998), as TICs apontam para um novo direcionamento na organização social, propagando novos locais para a troca, compartilhamento e divulgação de informação: ciberespaço.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Recorremos à utilização do protótipo, em dois sentidos distintos: o primeiro, como sendo um modelo preliminar em processo de elaboração e em fase de experimentação, que pode ser tomado como ponto de partida em um projeto maior e mais elaborado. Nesse sentido, propomos um material que pode indicar caminhos de direcionamento do trabalho docente para o ensino de gêneros, diferente da forma como é realizado pelos livros didáticos ou por sequência didática. O segundo, por abordar gêneros discursivos que, em geral, estão ausentes da esfera escolar, podendo inclusive estabelecer diálogos entre diferentes culturas (locais, globais, de massa, etc), ainda em caráter experimental, com foco no desenvolvimento de capacidades leitoras críticas e de produção com réplica ativa por parte dos estudantes e professores.

Nesse primeiro momento optamos por aplicar uma oficina em uma Escola Municipal da rede pública de ensino, com os alunos do fundamental II,

tendo em vista que será realizado em outro momento no ensino médio. A escola que será realizada a pesquisa a principio é a Escola Municipal Charles Garcia, uma escola que se situa no bairro de Santa Rita que atende a demanda de crianças da localidade, atendendo os bairros de Santa Rita, Castanheira, Palmares e Francesa.

A escola Municipal Charles Garcia já disponibilizou o espaço para aplicação da oficina e, por conseguinte a realização e elaboração do *Radioblog*, um protótipo didático que irá contribuir para o desenvolvimento do educando “são fontes de informação, de trabalho, de desempenho, de comunicação, de desenvolvimento cívico e de divertimento” que tomam dimensões que transpõem o virtual (Castells, 2001: 109).

O publico alvo a principio serão alunos do 7º ano “B” da referida escola. Entende-se por *Radioblog*, dois meios de comunicação, o rádio e o blog, para uma melhor interação dos alunos, que permite a promoção da cidadania e do protagonismo deles. O rádio neste contexto de discussão será uma criação dos alunos, algo que ganhará o estilo e a linguagem deles. Mas é claro, com certas orientações. A sugestão consiste em um planejamento bem organizado que irá orientar aos alunos quanto aos textos veiculados no programa de rádio que serão transmitidos pelas caixas instaladas nos pátios das referidas escolas selecionadas. Na sequência serão filmados os programas criados pelos alunos e transmitido em vídeo no *blog*. O *blog* disponibiliza aos usuários um espaço de acesso à informação, proporciona à escrita e leituras de textos midiáticos, e o *rádio* essa interatividade via áudio. O *blog* já está em construção, o *site* já foi criado, visto que ele ganhará forma a partir das produções dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a aplicação das estratégias e metas priorizadas nos objetivos da pesquisa será importante discutir a percepção dos discentes com relação ao uso das TICs no contexto escolar. Nesse sentido pretende-se envolver os docentes para que valorizem e abordem trabalhos com os gêneros digitais em sala de aula. Assim, podem construir além da atividade do *radioblog*, outras sugestões criativas para compartilharem suas experiências educacionais em redes interativas com outras culturas, e atentando a produção de gêneros que despertem as preferências dos discentes. Ou seja, levando em conta a importância da temática no contexto socioeducativo da comunidade

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. M. “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas” in. *Estética da criação verbal*. Trad.: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LEVY, P. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994

ROJO, R. H. R. *Multiletramentos: práticas de leitura e escrita na contemporaneidade*.

Disponível em <http://public.me.com/rrojo>>. Acesso em 06 jul. 2018.

ROJO, Roxane Helena; MOURA Eduardo. (orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANCHO, J. “A tecnologia: um modo de transformar o mundo carregado de ambivalência” in *Para uma tecnologia educacional*. Porto Alegre: Artmed, 1998 22-49.

GLOSSÁRIO DE PALAVRAS E EXPRESSÕES PARINTINENSES

COSTA, Gabrielly Brito da⁴⁷

CARDOSO, Maria Celeste de Souza⁴⁸

RESUMO: *O presente artigo tem como importância, reunir em um glossário aspectos peculiares do falar parintinense. Possui como objetivo através de análise semântica oportunizar aos indivíduos naturais da região e aos não pertencentes a ela a compreensão e o conhecimento de termos linguísticos desconhecidos e obscuros. Como metodologia foram utilizadas a pesquisa bibliográfica e de campo, a qual resultou na organização do glossário. Concluiu-se que a pesquisa proporcionou conhecimento linguístico sobre enriquecimento ao vocabulário.*

Palavras-chave: *Glossário. Semântica. Palavras. Expressões. Vocabulário*

INTRODUÇÃO

O falar parintinense possui traços indígenas marcantes que o diferenciam das demais regiões, porém, torna-se necessário mostrar em um glossário o significado das palavras e expressões dentro do contexto amazonense que causam estranhamento aos indivíduos naturais do lugar como também aos não provindos da região. Conforme Freire (2011, p. 09), “é doce ilusão, no entanto, acreditar que a língua portuguesa é única e inteligível por todos os seus falantes”. Com essa afirmação podemos perceber a importância desta pesquisa que surge da necessidade de proporcionar aos sujeitos oriundos da própria região e de outras, o esclarecimento e a compreensão de termos tipicamente utilizados em Parintins.

METODOLOGIA

Este trabalho constituiu-se de pesquisa bibliográfica e de campo. De acordo com Fonseca (2008, p.70), a bibliográfica é “o primeiro passo de todo trabalho científico pois prepara a pesquisa, facilita a delimitação do tema, define objetivos ou formula hipóteses”. Sobre a pesquisa de campo, o autor

⁴⁷Especialização em Língua Portuguesa e Literatura (FACIBRA), Monitora de Atendimento Educacional Esp. (SEMED): gabrielly.brito.costa.18@gmail.com

⁴⁸ Mestrado em Letras e Artes (UEA): celeste_cardoso23@yahoo.com.br

defende que “baseia-se nas observações dos fatos tal como ocorrem na realidade”. (FONSECA, 2008, p.70). Optou-se por utilizar como técnica de pesquisa a entrevista não formal, que partiu de conversa espontânea com dois indivíduos, um do sexo masculino e outro feminino, casados, provenientes do interior de Parintins especificamente, Paraná do Espírito Santo do Meio, a fim de deixá-los à vontade, em seguida, foram selecionados os termos necessários com suas respectivas significações para a organização do glossário.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando abordados, os dois entrevistados sentiram-se à vontade e relataram com muito orgulho o linguajar de Parintins, transmitido de geração em geração, com algumas palavras e expressões específicas, as quais algumas serão exemplificadas abaixo. Para Ilari (2011, p. 41) “o uso de determinadas palavras e expressões, além de descrever as realidades de que se fala, cria uma representação do falante, do ouvinte e da interação verbal”. Cada indivíduo atribui um sentido para as palavras que pode não ser compreendido pela falta de familiaridade com a localidade em que está inserido. De acordo com Faraco (2003, p.159), “esses fatos facilmente percebidos, apontam para uma característica de todas as línguas: nenhuma delas é uniforme, homogênea; todas se materializam e conhecem a variação no vocábulo”. *Glossário:*

B. Bando de Cunhantãs Acesas: várias meninas que namoram cedo.

Bocó: recipiente usado no interior para tirar água ou a expressão de uma pessoa envergonhada.

Bora juntar nosso pirão?: juntar a comida com as pessoas.

D. Disque fulano vai se casá: possibilidade de que alguém vai se casar, expressa algo incerto

E. Enxerido: assanhado para o lado de alguém

Esturde: pessoa estranha

Eu quero só um tiquinho: eu quero só um pouquinho

J. Jamaxí: mochila de Cipó

João de Pau: um tipo de leme usado nas canoas

O. Olha já: expressão que causa espécie de espanto e admiração com algo.

Ontonte: acontecimento que se passou a dois dias

Ovada: Mulher que está grávida

P. Perna Piririca ou Tuíra: pessoa com a perna suja.

Pixé: pessoa ou algo que cheira mal.

Poronga: Lamparina

Puxirum: reunião de pessoas para roçar mato e fazer plantação.

T. Tapuio: é uma pessoa que se parece com um índiozinho.

Tolo: é uma criança chata que pula, grita e não fica quieta.

Tipiti: objeto para espremer mandioca

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da organização do Glossário foi alcançado o principal objetivo, de reunir os aspectos peculiares do falar parintinense, o qual através de análise semântica oportuniza aos indivíduos provenientes da região e aos não pertencem a ela o conhecimento e a compreensão de termos desconhecidos e estranhos. Pode-se observar que apesar do falar parintinense possuir marcas linguísticas que o identificam, ele também possui expressões que por não serem hoje muito utilizadas causam estranhamento aos indivíduos que dispõem da naturalidade do lugar e ao mesmo os distancia de seus antepassados. Esta pesquisa proporcionou a ampliação do vocabulário e a aprendizagem de novas expressões, além disso, contribuiu grandemente para a formação acadêmica da pesquisadora por oportunizar maior conhecimento teórico e prático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- FARACO, Carlos Alberto. *Português: língua e cultura*. Curitiba: Base Editora, 2003.
- FONSECA, Luiz A. *Metodologia Científica: ao alcance de todos*. Manaus: Valer, 2010.
- FREIRE, Sérgio. *Amazônês: expressões e termos usados no Amazonas*. Manaus; Editora Valer, 2011.
- ILARI, Rodolfo. *Introdução à Semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2014.

A INDÚSTRIA CULTURAL E O FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS

AZEVEDO, Rendrick Gama⁴⁹

*CARDOSO, Maria Celeste de Souza*⁵⁰

RESUMO: *Esse trabalho tem por objetivo mostrar o contexto histórico sobre o Festival Folclórico de Parintins, principalmente as transformações que causaram mudanças sociais constantes em Parintins. O trabalho iniciou com pesquisa bibliográfica com leitura e fichamento de obras que tratam sobre a temática e embasada a partir de pesquisadores da área. Fez-se necessário também realizar uma análise crítica da temática.*

Palavras-chave: *Festival Folclórico. Parintins. Indústria Cultural.*

INTRODUÇÃO

O Festival folclórico de Parintins é atualmente a principal festividade a qual o governo do estado afirma representar culturalmente o Amazonas. Por ser o maior estado do Brasil tem grande relevância no país, então, toda e qualquer mudança necessita ser analisada, assim como sua festividade que tem grande apelo das massas sociais. Com o passar do tempo ocorreu vários

⁴⁹ 2º ano de licenciatura de História (UEA): rendrick.gama.13@gmail.com

⁵⁰ Mestrado em Letras e Artes (UEA): celeste_cardoso23@yahoo.com.br

acontecimentos para o desenvolvimento dessa grande festa que gerou mudanças culturais e sociais. A criação do festival teve como uma das finalidades fins econômicos e políticos que nos conduziram à indústria cultural e a uma sociedade de massa.

A temática sobre o Festival de Parintins está descrita em três tópicos explícitos, com intuito de estabelecer melhor uma compreensão do tema, que até mesmo o seu público o acha contraditório e confuso. A cultura no festival foi modificada para uma cultura de massa para turista ver e favorecendo empresas privadas que todos os anos transmitem suas ideologias, marcando várias fases desde sua criação introduzindo tecnologias e propagandas todos os anos pelo sistema capitalista através de seu mercantilismo ideológico que transmite uma felicidade instantânea e consumista.

Neste trabalho, analisa-se o Festival Folclórico de Parintins juntamente com seu desenvolvimento e sua desenvoltura na indústria cultural, como ocorreram essas mudanças ao longo da sua estruturação e realização, e conduziu à troca de administração que nos leva a uma linha de raciocínio crítico no festival. Toda esta análise com intuito de estabelecer reflexões subjacentes de passividade da população de Parintins, que há muito tempo não busca olhar com outros olhos sua maior representação, assim como desmistificar esse conceito romantizado que permeia o festival. Os principais autores utilizados foram Alan Rodrigues (2006) e Laraia (2001), os quais têm um estudo bastante aprofundado sobre o contexto histórico do Festival.

METODOLOGIA

O estudo deste artigo foi teórico, realizado através de leituras e fichamentos bibliográficos. Além das observações experimentais vividas nestes sete anos em Parintins. A partir das leituras realizadas foi possível fazer uma análise crítica sobre o Festival Folclórico de Parintins.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O foco de pesquisa desse artigo gira em torno do Festival Folclórico de Parintins, seus alicerces construídos desde sua criação até o ápice de expansão social, assim como diferir o intuito do fazer pela cultura e o do fazer por interesse político industrial. Neste meio está inserida a cultura popular dos bois Garantido e Caprichoso, utilizados como matéria-prima para estruturar uma fonte de renda reutilizável da indústria cultural. O discurso popular foi sendo alterado e usurpado nas transformações decorrentes do tempo, o festival foi se tornando prepotente ao comércio, os contextos em relação ao festival foram utilizados para a compreensão e análise teórica da pesquisa.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado.

Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas

numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2001, p. 45).

Então, o homem é um processo acumulativo ao longo dos anos, o indivíduo é o resultado do meio cultural em que foi introduzido refletindo o conhecimento e as experiências sociais. Por fim, o ser humano tem a habilidade de manipulação, inovações e invenções de acordo ao ambiente social onde está inserido. Nada se efetivaria senão pela necessidade e o surgimento da comunicação em sociedade, da qual gera e adquire informações para si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Festival Folclórico de Parintins não é apenas um produto cultural ou simplesmente uma festividade atrativa. Segundo Allan Rodrigues (2006), é uma manifestação cultural que representa um estado. Apesar de ser não ser mais tão popular, se faz necessária uma subjeção do criador com a criatura, que no caso é o festival juntamente com a população de Parintins. Buscar soluções que descaracterizem um pouco da indústria cultural, reprimir a privatização que foi feita em seu torno, para não ficar à deriva da extinção ou retrocesso social. Pois foi a partir do festival que o Amazonas levou um discurso popular e de preservação da Amazônia para o mundo, o desmatamento diminuiu proporcionalmente. Além de seu povo ser reconhecido para além do senso comum, por se tratar de um estado rodeado pela fauna e flora, do qual todos os anos cedem seus artistas para a festa popular mais conhecida do país, que é o carnaval do Rio de Janeiro e São Paulo.

Portanto, é relevante sair do comodismo sobre o Festival do qual se encontra atualmente, ter um discurso mais crítico e analítico da situação, impor uma saída cabível ao salvamento e restrição do popular com o industrial, a cidade de Parintins precisa tomar partido e iniciativa para uma independência da sua maior festividade, que lhe gerou muitos frutos. Não ficar à mercê do estado que a qualquer instante pode abandonar e deixar de apoiar financeiramente o festival, a cidade de Parintins e sua população tem capacidade de subjugar e enfrentar as adversidades e problemáticas que ela mesma deixou caminhar passivamente nos últimos anos.

REFERÊNCIAS

- LARAIA, R.. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
RODRIGUES, Allan. *Boi-Bumbá Evolução*. Manaus: Valer, 2006.
-

RESUMOS DE BANNERS

DESAFIOS DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA, NA MODALIDADE ESCRITA FORMAL, DE ESTUDANTE SURDO, NO CURSO DE LETRAS, DO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP, TURMA DE 2018-2022

ARAÚJO, Dayane Pontes de⁵¹

CARNEIRO, Sabrina dos Santos⁵²

CASTRO, Terciane Santos⁵³

OLIVEIRA, Sophia Loren Pereira de⁵⁴

VINENTE, Erick Pantoja⁵⁵

CARVALHO, Luis Alberto Mendes de⁵⁶

RESUMO: *O presente projeto de pesquisa é de natureza qualitativa, articula-se a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com o objetivo de investigar desafios do ensino da Língua Portuguesa, na modalidade escrita formal, de um acadêmico surdo do Curso de Letras. Com o objetivo de reconhecer aspectos de suas dificuldades e principais desafios vivenciados pelo acadêmico surdo no decorrer do Curso de Letras, o que possibilitará repensar medidas de apoio e uso da língua materna do observado, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como forma de aquisição da escrita formal da Língua Portuguesa – LP.*

Palavras-chave: *Ensino. Língua Portuguesa. Escrita. Surdez. CESP.*

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos os surdos têm ingressado no Ensino Superior por consequência das políticas de inclusão. Porém, nesse espaço de ensino superior têm enfrentado dificuldades, principalmente, na utilização LP em sua modalidade escrita formal. Esse fato se refletiria negativamente na comunicação com professores e demais acadêmicos. Além disso, a ausência de monitores ou intérprete de LIBRAS agravariam a situação. Diante dessa concepção, o presente projeto, o qual nasceu na disciplina Produção Textual I, busca resposta(s) a respeito dos mais significativos desafios enfrentados na aprendizagem da LP para o acadêmico surdo de Letras no CESP.

⁵¹ 1º ano de licenciatura em Letras (UEA): tamaradayane@hotmail.com

⁵² 1º ano de licenciatura em Letras (UEA): sabrina.silves@hotmail.com

⁵³ 1º ano de licenciatura em Letras (UEA): tercik.santos@hotmail.com

⁵⁴ 1º ano de licenciatura em Letras (UEA): loren.sophi@hotmail.com

⁵⁵ 1º ano de licenciatura em Letras (UEA): erickvinente59@gmail.com

⁵⁶ Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (UEA): luis243mendes@bol.com

O trabalho tem por objetivo principal investigar a competência no uso da LP, na modalidade escrita formal, por um acadêmico surdo no curso de Letras do CESP/UEA; identificando suas principais dificuldades e, também, analisando os percalços no processo de ensino e aprendizagem da LP, na modalidade escrita formal, referente às disciplinas do curso de Letras do CESP/UEA. Assim, o projeto busca contribuir para discussão reflexiva acerca da necessidade da efetivação das políticas públicas de incentivo e inclusão, de fato, de acadêmico surdo no ensino superior do CESP, enfatizando sua inserção e permanência na rede de ensino público superior, ressaltando que a inclusão, conforme documentos legais que a embasam ainda é insipiente, tendo em vista os desafios enfrentados para a aquisição da LP, como segunda língua (L2) na modalidade escrita formal, sendo esta um requisito básico para a entrada e permanência efetiva no ensino superior.

METODOLOGIA

O projeto segue a abordagem de natureza qualitativa. Nele se considera que toda a realidade que envolve objeto deve ser visto como potencial para ser analisado (MICHEL, 2009). O primeiro passo do trabalho consistiu na realização de pesquisa bibliográfica, na qual se objetivou, tomar conhecimento teórico de material produzido sobre a temática, ora sob investigação (LAKATOS & MARCONI, 2009). A partir da organização do embasamento teórico, dado início à pesquisa de campo faremos o contato com o acadêmico, em observação direta intensiva, a qual fornecerá os dados a serem analisados. A pesquisa se desenvolve no Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, tendo como atores contribuintes o acadêmico surdo e o coordenador do Curso de Letras em entrevista semiestruturada. Utilizaremos o termo de autorização de imagem e voz dos entrevistados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRIA

A comunicação através da língua portuguesa escrita formal para surdos é diferente do ensino para os ouvintes, pois uma diferença principal está na gramática porque a pessoa surda não utiliza conectivos ou conjugação de verbos. A ordem dos léxicos não segue a norma sujeito, verbo e complemento, para a pessoa surda segue a ordem inversa. Então, faz-se necessário que o ensino da LP para alunos surdos fundamente-se em bases teóricas de abordagem bilíngue, entendendo que a pessoa surda tem como língua materna a LIBRAS e como segunda língua a LP.

Quadros (2006, p. 23) esclarece que ainda é muito difícil a aquisição da LP “[...] atualmente a aquisição do português escrito por crianças surdas ainda é baseada no ensino do português para crianças ouvintes que adquirem o português falado”. Nesse sentido, isso significa que os alunos surdos são

alfabetizados em LP seguindo-se a mesma metodologia utilizada para alunos ouvintes. Pereira (2014) explica que a educação de surdos que prioriza o ensino da LP, esquecendo-se de LIBRAS, provoca desânimo nos discentes surdos, a falta de compreensão dos textos escritos, afasta-os da leitura e da escrita, causando a impressão de que surdos são incapazes de ler e escrever com competência em LP. Consequentemente, a pouca prática da leitura pode reduzir o vocabulário em LP, principalmente, em seu aspecto semântico, o que resulta em uma dificuldade crescente no ato de ler.

Considerando isso, Quadros (2006, p. 24) defende que “O ensino do português pressupõe a aquisição da língua de sinais brasileira – ‘a’ língua da criança surda. A língua de sinais também apresenta um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem do português”. Não é apenas uma transferência de conhecimentos de uma língua para outra, mas sim um processo em que a LIBRAS é meio pelo qual se adquire a LP, cada uma com suas características próprias.

Assim, por meio da LIBRAS o educando surdo adquire ao menos uma das linguagem necessárias para estabelecer a comunicação e inicia o processo de significação na qual os signos serão expressos na modalidade escrita na LP. A complexidade das representações gráficas dos sinais na LP, a partir do entendimento e da interpretação dos significados dos termos em LIBRAS, pode diminuir à medida que o discente consiga decodificar o texto na modalidade escrita. Este processo pode se efetivar na se seguir o modelo pedagógico para a alfabetização em segunda língua, tomando-se como base a LIBRAS como língua materna. O que corresponde ao entendimento de que a educação em LP, em todos os níveis de ensino, para os surdos, não pode prescindir o método de ensino bilíngue.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino em LP a acadêmicos os surdos, assim como para ouvintes, busca desenvolver as potencialidades dos estudantes na produção e interpretação de textos e demais tecnologias de comunicação que delas derivam. Para os primeiros, o processo de aquisição da segunda língua deve partir do ensino textual em LIBRAS, para que possibilite um caráter comparativo com a LP e esclareça os aspectos da construção dos textos nas duas línguas. Assim, o aprendiz pode perceber as diferenças estruturais e normativas utilizando-se de textos sinalizados e escritos de diferentes gêneros e tipologias, como forma de apreensão do sistema da língua, bem como ampliação do vocabulário e conhecimento semântico. O fortalecimento de metodologias que promovam o desenvolvimento cognitivo de surdos é necessário a fim de que compreendam os aspectos normativos da LP tal como os ouvintes. O mesmo deve ser feito no Ensino Superior em relação a LP.

Deve-se partir da LIBRAS para a modalidade escrita da LP, em processo de etapas sucessivas como forma de desenvolver e estimular a leitura, escrita e interpretação de textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. *O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos*. Curitiba: Educar em Revista, 2014.
- QUADROS, Ronice Müller de. *Idéias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC/ SEESP, 2006.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Técnicas de Pesquisas: Planejamento e Execução de Pesquisa, Amostragem Técnica, Elaboração, Análise e Interpretação de Dados*. São Paulo: Atlas, 2009.
- MICHEL, M. *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 2009.

COMPORTAMENTOS LINGÜÍSTICOS

PEREIRA, Caroline de Assunção Brito⁵⁷

BARBOSA, Ediane Glória⁵⁸

TEIXEIRA, Lanúbia Yona Souza⁵⁹

FONSECA, Lukas de Castro⁶⁰

CARVALHO, Renner da Silva Carvalho⁶¹

TAVARES, Ruth Marinho⁶²

CARVALHO, Luis Alberto Mendes de⁶³

RESUMO: Os comportamentos lingüísticos tornaram-se alvo de inúmeras pesquisas nas últimas décadas através da sociolingüística quantitativa ou Laboviana. Através da coleta de dados bibliográficos buscou-se determinar as causas de diversos comportamentos e a relação falante/língua, bem como noções de preconceitos, segurança/insegurança, atitudes positivas e negativas, hipercorreção as atitudes e a variação lingüística são fatores determinantes para os diferentes comportamentos lingüísticos positivos e negativos com relação à língua.

Palavras-chave: *Variação lingüística. Comportamento lingüístico. Sociolingüística.*

INTRODUÇÃO

Os desenvolvimentos dos estudos da linguagem nos últimos anos tem trazidos à tona diversos fenômenos lingüísticos que antes passavam despercebidos mas ocorrem no uso da linguagem cotidiana.

⁵⁷ 3º ano de licenciatura em Letras (UEA): karollynekevelyn88@gmail.com

⁵⁸ 3º ano de licenciatura em Letras (UEA): dianny.e@hotmail.com

⁵⁹ 3º ano de licenciatura em Letras (UEA): souzayona83@gmail.com

⁶⁰ 3º ano de licenciatura em Letras (UEA): fon.lcnove@gmail.com

⁶¹ 3º ano de licenciatura em Letras (UEA): hunter.renner.carvalho@gmail.com

⁶² 3º ano de licenciatura em Letras (UEA): marinhoruth8@gmail.com

⁶³ Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (UEA): luis243mendes@bol.com

O linguista Frances Jean-Calvet esclarece constatando que há todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas (CALVET, pg.65). Esses comportamentos e atitudes influenciam o falante e sua relação dentro de sua comunidade de fala, ocasionando atitudes positivas e negativas. O falante atribui à língua prestígio e também estigma ao mesmo tempo em que sofre a tendência de optar pela fala que a sociedade convencionou como modelo, ou padrão. A hipercorreção, o preconceito linguístico, segurança/insegurança, atitudes positivas e negativas. Veremos que, ao contrário, as atitudes linguísticas são fatores de evolução das línguas vivas (CALVET, pg.81)

METODOLOGIA

A Pesquisa de cunho bibliográfico foi desenvolvida de acordo com os conceitos e prerrogativas inerentes a essa natureza científica (FONSECA 2002). O trabalho de levantamento foi feito a partir de buscar em fontes de referências teóricas tais como: livros, artigos científicos e em endereços eletrônicos destinados à divulgação científica.

O primeiro momento consistiu na coleta de dados bibliográficos e posterior análises. Na etapa seguinte passamos ao estágio de análise das amostras e tomando como base as constatações teóricas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Constatou-se que o falante reage segundo o nível de estigma ou prestígio que a sua comunidade de fala atribui à determinada variedade linguística.

O linguista francês Calvet (2002) define a função objetiva dos estudos sociolinguísticos no esclarecimento de fenômenos linguísticos de cunho social: [...] A abordagem sociolinguística pode enriquecer, isto é, renovar, a explicação e a compreensão da variação linguística, só imperfeitamente analisada por um estudo que se faça em termos de estrutura interna. Mas, para que essas explicações sejam completas e convincentes, a descrição deve levar em conta certo número de fatores linguísticos e de fatores sociais [...] (p. 88).

Os estudos dos comportamentos linguísticos recebem maior esclarecimento a partir de análises sociolinguísticas. O preconceito linguístico, hipercorreção, segurança/insegurança e as atitudes positivas e negativas são fenômenos linguísticos do cotidiano e projeção da sociedade sobre determinados valores atribuídos ao uso da língua. Bagno (2007) assume uma postura crítica em relação aos preconceitos linguísticos afirmando que “ao contrário da gramática tradicional, que afirma existir apenas uma forma certa de dizer as coisas, a linguística demonstra que todas as formas de expressão verbal têm uma forma gramatical.”

Bortoni-Ricardo (2004), nos alerta para uma nova reeducação sociolinguística em nossa sociedade a partir do contexto de educação formal, a qual deverá trazer benefícios em diversos seguimentos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho constatou que os comportamentos linguísticos de falantes, em qualquer circunstância, são fenômenos de ordem linguística. Assim, a proposta em relação as atitudes positivas e negativas com relação à língua só podem ser esclarecidas das diversidade mostrada pelas abordagens sociolinguísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BORTONI -RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola, 2002.

A LÍNGUA COMO UM FATO SOCIAL

TAVARES, Valmira Sarmento⁶⁴

ASSIS, Francilane Nascimento de⁶⁵

DUTRA, Atina Cristina Batista⁶⁶

GOMES, Gabrielle Gomes⁶⁷

SOUZA, Rilson da Silva de⁶⁸

CARVALHO, Luis Alberto Mendes de⁶⁹

RESUMO: *Essa comunicação tem como objetivo mostrar algumas discussões a respeito da língua como um fato evidentemente construído socialmente. Para afirmarmos isso nos apoiamos na perspectiva de Calvet (2002) em que o autor se posiciona em diversas discussões sobre a temática, abrindo espaço para reflexões em diversos aspectos linguísticos. O percurso metodológico consiste em uma pesquisa de revisão bibliográfica, proposta na disciplina Sociolinguística, durante a qual foi destacada a necessidade de se perceber e discutir a língua como uma construção coletiva, a qual envolve todos os falantes de dada sociedade. Busca-se expor as diversas concepções sobre a língua como um fato construído socialmente.*

Palavras-chave: *Sociolinguística. Análise. Língua. Fator Social. Calvet.*

⁶⁴ Graduação em andamento 3º ano de Letras (CESP-UEA): valmyrsar1@gmail.com

⁶⁵ Graduação em andamento 3º ano de Letras (CESP-UEA).

⁶⁶ Graduação em andamento 3º ano de Letras (CESP-UEA)

⁶⁷ Graduação em andamento 3º ano de Letras (CESP-UEA)

⁶⁸ Graduação em andamento 3º ano de Letras (CESP-UEA) rilsonsoua1@hotmail.com

⁶⁹ Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (UEA): luis243mendes@bol.com

INTRODUÇÃO

A visão da língua como um “fato social” tem sido largamente difundida por linguistas estruturalistas. Porém, não há definições fechadas em relação a essa temática e consenso para determinadas assertivas, neste aspecto. Diante desse quadro, o presente trabalho tem como objetivo mostrar algumas discussões a respeito da língua como um fato evidentemente construído socialmente. Para isso, nos apoiamos no trabalho de Calvet (2002), cuja obra intitulada “Sociolinguística: uma introdução crítica”, nomeadamente no capítulo um “*A luta por uma concepção social da língua*” atribui conhecimento científico a esta análise. No capítulo abordado o autor toma posicionamento favorável sobre a temática, abrindo espaço para reflexões em diversos aspectos linguísticos como construto social.

O percurso metodológico consiste em uma pesquisa de revisão bibliográfica, proposta na disciplina Sociolinguística, durante a qual se destacou a necessidade de se perceber e discutir sobre a língua como uma construção coletiva, a qual envolve todos os falantes de dada sociedade. Busca-se expor as diversas concepções sobre a língua como um fato construído socialmente.

METODOLOGIA

Os procedimentos adotados neste trabalho consistem em uma pesquisa bibliográfica sobre a língua ser ou não construída pela sociedade que dela faz uso. A comunicação se fará pela exposição de acadêmicos acerca do conteúdo proposto, mostrando as diversas concepções que Calvet (2002) retrata no capítulo um de seu livro “*A luta por uma concepção social da língua*”, esta problemática teve origem durante o desenvolvimento da disciplina Sociolinguística do Curso de Letras em andamento no Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP. Segundo Lakatos e Marconi (2010, p. 70) a pesquisa bibliográfica “Abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc, até os meios de comunicação oral e visual”.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRIA

Calvet (2002) analisa a língua como um fato social de acordo com diversos autores que colaboram com suas discussões. Saussure e Meillet foram quem, inicialmente, abordaram o sistema de comunicação chamado língua como um fenômeno estruturado. Descrever a língua, sob essa ótica é trazer a sincronia e diacronia para a discussão estruturalista da língua. Mas, é a Meillet a quem devemos o modo de analisar a língua de acordo com a sociedade que a constrói. Essas duas maneiras de pensar a língua caminham de maneira

autônoma e se completam. Portanto, Calvet, tomando como ponto de partida o início da Linguística Moderna diz :

[...] surge assim, desde o nascimento da linguística moderna, em face de um discurso de caráter estrutural e insistindo essencialmente na forma da língua, em outro discurso que insiste em suas funções sociais. E, durante quase meio século, esses dois discursos vão se desenvolver de modo paralelo, sem nunca se encontrar. (CALVET, 2002, p. 17).

Saussure e Meillet são os principais propulsores dessa contribuição sobre a língua, ou seja, de ela ser ou não um fato social. A partir deles é que foram surgindo novas abordagens sobre a língua ser um fato social. Meillet traz também a abordagem marxista acerca da língua. Nesta abordagem, Calvet retrata como os pensadores que optaram por essa abordagem tratam a língua como um fato coletivo, algo comum para todas as línguas do mundo. Ele traz os estágios da língua através da economia, associada ao monopólio. Mas o autor retrata que não pode haver Linguística sem sociologia.

No tópico 3, intitulado: Bernstein e as deficiências linguísticas, Calvet retrata os primeiros estudos sobre a temática língua vs sociedade com o sociólogo Basil Bernstein, que retrata tudo que foi estudado e traz conclusões sobre a língua como fato social. Não em uma visão empírica, mas sim, com todos os embasamentos necessários originados nos estudos existentes sobre o tema naquela época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a língua sob a ótica social está em vias de se firmar cada vez mais no âmbito do ensino da língua, de acordo com as descobertas atuais. Pois a cada dia que passa o assunto desperta mais interesse científico e a temática proposta por Calvet (2002) retrata isso no primeiro capítulo de sua obra “Sociolinguística: uma introdução crítica”.

Portanto, a língua é, pelo precedente, um fato social quando se leva em consideração os fenômenos e fatores historiográficos, e assim, se chega a possíveis conclusões acerca do que já foi estudado. Porém, não se conclua que já foram suplantadas todas as contradições entre os estudiosos da língua. Muito ainda há de se construir e desconstruir a respeito dessa temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo São Paulo: Parábola, 2002.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ÍNDICE DE AUTORES

Ana Paula de Sousa Abecassis.....	58
Alex Viana Pereira	29
Alexandre Lira Sá.....	32, 35
André Luís Martins Rodrigues	10
Ana Carolina dos Santos Castro	17
André Luís Martins Rodrigues	24
Atina Cristina Batista Dutra.....	78
Caroline de Assunção Brito Pereira	76
Dayane Pontes de Araújo.....	41, 73
Ediane Glória Barbosa.....	05, 76
Francisco Bezerra dos Santos.....	26
Ely Raimunda Barros Evangelista	08
Erick Pantoja Vinente.....	73
Francilane Nascimento de Assis	78
Gabrielly Brito da Costa.....	68
Gabrielle Gomes Gomes.....	78
Jaircleisson Silva.....	44
Jucilene Andrade Ribeiro	58
Ioneli Brito Pereira	32
Lanúbia Yona Souza Teixeira.....	76
Leticia Tavares Souza.....	58
Luís Alberto Mendes de Carvalho.....	48
Lukas Fonseca de Castro.....	47, 76
Miller Miquiles.....	51
Miriam Trindade Lima.....	16
Murilo Walter Assayag Lopes.....	22
Regiane Cunha dos Santos.....	65
Rendrick Gama de Azevedo.....	70
Renner da Silva Carvalho	62, 76
Rian Marchão Costa	58
Rilson da Silva de Souza.....	78
Ruth Marinho Tavares	62, 76
Sabrina dos Santos Carneiro.....	73
Sabrina Silva de Souza	55
Sanny Kellen Canuto.....	38
Savio Azevedo Almeida.....	32
Silvia da Silva Nunes	32
Sophia Loren Pereira.....	73
Terciane Santos Castro	73
Valmira Sarmento Tavares.....	78
Vitor Sousa Pereira	19
Weberson Grizoste.....	13
Wilkiany Fragata Guerreiro.....	32

Apoio



*Colegiado
de
Letras*

UEA

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS